



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

VICTOR DE MEDEIROS OLIVEIRA

DOS QUADRINHOS PARA O QUADRO: UM ESTUDO DA LITERATURA EM
QUADRINHOS ATRAVÉS DO MÉTODO RECEPCIONAL

JOÃO PESSOA – PB

2018

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

O48q Oliveira, Victor de Medeiros.

Dos quadrinhos para o quadro: um estudo da literatura em quadrinhos através do método recepcional / Victor de Medeiros Oliveira. - João Pessoa, 2018.

68f.

Orientação: Alyere Silva Farias.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Adaptação. 2. Histórias em Quadrinhos. 3. Ensino de literatura. 4. Estética da Recepção. 5. Formação de leitores. I. Farias, Alyere Silva. II. Título.

UFPB/CCHLA

VICTOR DE MEDEIROS OLIVEIRA

**DOS QUADRINHOS PARA O QUADRO: UM ESTUDO DA LITERATURA EM
QUADRINHOS ATRAVÉS DO MÉTODO RECEPCIONAL**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Alyere Silva Farias

JOÃO PESSOA – PB

2018

VICTOR DE MEDEIROS OLIVEIRA

**DOS QUADRINHOS PARA O QUADRO: UM ESTUDO DA LITERATURA EM
QUADRINHOS ATRAVÉS DO MÉTODO RECEPCIONAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alyere Silva Farias (UFPB – DLCV)

(Orientador)

Prof. Dr. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira (UFPB – DME)

(Examinador)

Me. Irany André de Lima Souza

(Examinador)

Me. Valnikson Viana de Oliveira

(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Apesar de ser clichê, não posso deixar de agradecer primeiramente ao meu Deus, pois antes de todas as coisas acontecerem e se formarem, Ele já tinha planejado todo o meu percurso e até aqui, com sua mão forte e fiel, nunca me desamparou. Paizinho querido, ao Senhor, meu real e sincero obrigado.

Agradeço também aos meus pais e melhores amigos, Núbia Souza de Medeiros Oliveira e Valter da Silva Oliveira que com tanto esforço, e ao mesmo tempo leveza, me instruíram até aqui, ensinando-me sempre que um homem que se esforça e dá o seu melhor colherá bons frutos na vida; e que toda a luta um dia valerá a pena, principalmente quando se tem ao lado pessoas que te amam e te fortalecem, função essa que vocês cumprem muito bem. A vocês, todo o meu amor e gratidão.

Gratidão também à professora Daniela que, com toda sua mistura de disciplina e doçura, foi imprescindível para a construção e andamento desse trabalho, pois, mesmo em meio ao seu caos acadêmico, não pensou duas vezes em me auxiliar nesse importante desafio. Sempre solícita e disponível para dúvidas da pesquisa e da vida, sua participação deu mais vida a esse trabalho. Obrigado infinitamente.

Agradeço a toda a banca que, com tanto carinho e disposição, deram o tão ansioso “sim” para o convite de aqui estarem. Professora Claurênia e Irany, gratidão e gratidão.

Agradeço ainda a professora Alyere, pois com seu carisma e competência indescritível, contribuiu para a realização desse trabalho. A senhora, minha real gratidão.

Aos meus alunos que, de uma maneira tão atípica e peculiar me motivaram a realizar e pôr esse trabalho em prática. Toda essa pesquisa foi fruto da preocupação em melhorar o contato de vocês com a literatura e por isso, tem um pouco da essência de cada um em cada linha. Representando todos os alunos, agradeço ao João Pedro e à Samilly, que me auxiliaram com informações do universo da Disney e dos Quadrinhos. Como sempre digo, um professor com alunos parceiros tem o mundo em suas mãos.

Obrigado a todos os professores que passaram pela minha vida e que de forma tão significativa me inspiraram a hoje ser o que sou: professor. De maneira especial, gostaria de agradecer aos professores Diego, Condado, Plínio e Erika, pois esses despertaram em mim o desejo de seguir infinitamente na estrada das letras. Por trás do meu jaleco, cada

um de vocês tem um bordado tão vivo e marcante como o papel de vocês no meu trajeto. Ex professores, eternos amigos, a vocês, meu sincero obrigado

Gratidão a todos os meus amigos de curso e do grupo de pesquisa GEEF, que compartilharam comigo dos saberes e sabores dessa empreitada das letras. Declarando desde já meu carinho e consideração por todos os colegas, gostaria de fazer uma ressalva afetuosa e especial para os reis magos Ademar e Henrique – meus companheiros desde o primeiro período, mas que a vida se encarregou de conduzir para caminhos diferentes – e para o Grande Reginaldo, expoente das gramáticas, com quem eu dividia todos os dilemas acadêmicos e amorosos (rs).

Aos meus amigos de infância, fundamental e ensino médio, que não seguiram nas letras comigo, mas em pensamento e coração nunca deixaram de me acompanhar, torcendo e mandando energias boas e verdadeiras. A vocês, meus irmãos de outra mãe, meu gigantesco e amoroso obrigado.

Obrigado também à Pietra que, através do vivo exemplo da garra, inspirava-me a prosseguir – ainda que em silêncio e distante – quando o cansaço e o estresse estavam a um passo de tomar conta de mim.

A todos os familiares, que mesmo com a distância sempre lançaram orações e bons pensamentos até mim. Ressalva para o vô Quinca, a vó Leleca, o vó Grinco e a vó Maria. Vocês são lindos exemplos de vencedores, e podem ter certeza que mesmo com a vida corrida, sou grato e feliz por ser neto de vocês.

Por fim, agradeço a mim. A minha garra, a minha perseverança e a minha vontade de vencer, mas essas só surgiram por conta da existência e presença de todos os citados acima. Não foram dias fáceis. Aprendi muito a me conhecer – efeito inerente à literatura – e percebi que, assim como a imaginação, a determinação nos dá asas, e essas nos fazem ir além.

RESUMO

Este trabalho apresenta como proposição central analisar a recepção de alunos do segmento do fundamental II – especificamente alunos do sétimo ano – no que diz respeito à leitura da adaptação de clássicos da Literatura Infantil e Juvenil para os quadrinhos. Partindo do princípio de que a literatura em quadrinhos é uma estratégia lúdica e atrativa para formar, e sobretudo consolidar, novos leitores, selecionamos a versão adaptada em quadrinhos da obra *O livro da selva* (2010) – originalmente escrita por Rudyard Kipling e publicada no ano de 1894 – a fim de observarmos como se dá na prática o processo de recepção do aluno para com um clássico quando esse sai de seu formato e modelo tradicional, já que os quadrinhos, de certo modo, apresenta uma estrutura diferenciada. Nesse contexto, embasados na Teoria da Estética da Recepção e nos estudos e produções de autores como Rouxel (2013), Dalvi (2013) e Bordini e Aguiar (1988), as quais discutem o trabalho direto com o texto literário em sala de aula; bem como nos estudos pautados nos quadrinhos, desenvolvidos por autores como Vergueiro (2014) e Pina (2014), visamos elaborar uma ponte que articulasse ensino de literatura e leitura de quadrinhos. Tal caminho foi construído e conduzido através de um trabalho de campo que, por meio de enquetes, realizou o intermédio entre nossa pesquisa e a visão dos alunos enquanto leitores de um clássico adaptado para os quadrinhos.

Palavras-chave: Adaptação; Histórias em Quadrinhos; Ensino de literatura; Estética da Recepção; Formação de leitores

ABSTRACT

This research presents as a central review to analyze the reception of students from middle school - specifically seventh grade students – concerning reading adaptation of classics of children's and juvenile literature for comics. Assuming that comic literature is a playful and attractive strategy for forming, and especially consolidating, new readers, we have selected the adapted version of *The Book of The Jungle* (2010) - originally written by Rudyard Kipling and published in 1894 – objectifying to observe how the process of student's reception of a classic comes in when it goes out of its traditional format and model, since the comics, somehow, introduces a different structure. In this context, based on the Theory of Reception Aesthetics and on the studies and productions of authors such as Rouxel (2013), Dalvi (2013) and Bordini and Aguiar (1988), who discuss the direct work with the literary text in the classroom; as well as in studies based on comics developed by authors such as Vergueiro (2014) and Pina (2014), we aimed to elaborate a connection that articulated literature teaching and comic book Reading. This procedure was constructed and conducted through a fieldwork that, through polls, carried out the intermediate between our research and the students' vision as readers of a classic adapted to the comics.

Keywords: Adaptation; Comics; Literature teaching; Reception Aesthetics; Readers formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 01 – A ADAPTAÇÃO E O LEITOR: RESGATANDO E FORMANDO LEITORES.....	17
1.1 O método recepcional: de leitor a autor.....	17
1.2 A leitura na escola: o método recepcional enquanto agente na formação do eu leitor em sala de aula.....	18
1.3 Drummonfraseando: as pedras no meio do caminho do ensino literário.....	20
1.4 Era uma vez... O mundo mágico da adaptação: um breve panorama da arte de recontar histórias.....	23
CAPÍTULO 2 – PRECONCEITO, SUCESSO E EDUCAÇÃO: UM BREVE PANORAMA DO PERCURSO HISTÓRICO DOS QUADRINHOS	28
2.1. Cortando as asas da imaginação.....	28
2.2. Folheando algumas páginas anteriores.....	30
2.3 Enveredando por novos caminhos: a adaptação de clássicos literários como uma estratégia das HQs.....	34
2.4 Uma imagem vale mais do que mil palavras: uma breve explicação da linguagem das HQS.....	36
2.5 Da selva para os quadrinhos: uma adaptação quadrinística e lúdica do clássico do menino lobo.....	40
CAPÍTULO 3 – QUADRINHOS EM AÇÃO: EXECUTANDO O NOSSO PROJETO.....	43
3.1. Apresentação e descrição da aplicação do projeto de leitura:.....	43
3.2. Análise da pesquisa.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
APÊNDICE.....	58

Tudo posso naquele que me fortalece

(Filipenses 04:13)

INTRODUÇÃO:

Todo o indivíduo é cercado por outros indivíduos e, logo, torna-se completamente vulnerável a sofrer influência por parte desses. Nesse sentido, diversas esferas de nossa vida são desenvolvidas com base nas nossas experiências de convívio com os outros seres, o que faz de nós sujeitos constituídos pelo diálogo com o outro. Os efeitos desse contato, refletem diretamente em nossos hábitos e costumes de maneira geral, inclusive, na perspectiva da nossa formação enquanto sujeito leitor. Quantas vezes já não lemos um livro só por ele estar na moda? Ou demos um voto de confiança para um vizinho e seguimos a dica de leitura sugerida por ele? Vamos além: em quantos momentos de nossas vidas não deixamos de exercitar a nossa função leitor (a) por convivemos com pessoas que não praticam essa atividade (a da leitura) com frequência? Sim, a vertente leitor (a) faz parte de cada indivíduo e o destaque de sua aparição na vida de cada um está diretamente ligado ao contexto histórico no qual cada um se encontra inserido. Com base nesse raciocínio introdutório, Rezende diz que:

Lemos o que gostamos de ler, seja porque temos um gênero preferido – suspense, policial, romance, poesia, crônicas etc. –, seja porque recebemos indicação de uma obra por parte de alguém cuja opinião respeitamos; também porque a obra faz sucesso, ou então por que queremos reler... (REZENDE, 2013; p.108)

O meio é o que determina não somente quem será leitor ou não, mas também quais obras constituirão o repertório desse possível leitor. Na introdução de *A literatura em perigo*, Todorov (2007) apresenta ao leitor o fundamento que explica a sua veemente relação de amor e compromisso com a leitura, e conseqüentemente, com a literatura. Filho de bibliotecários, nasceu e cresceu como um “herdeiro dos livros”, e essa precoce proximidade com as letras alicerçaram a sua jornada enquanto leitor. “Não sabia o que viria a ser na vida, mas estava certo de que seria algo relacionado à literatura” (Todorov, 2007, p.8). Tal afirmação nos faz inferir o quanto que a “antecipada” experiência do famoso teórico com os livros, foi fundamental para selar seu gosto pela leitura e confirmar sua sina literária – não propriamente como um escritor, mas ao menos, como um sincero, apaixonado e dedicado leitor.

Por esse privilégio de crescer rodeado pelas letras, com centenas de livros espalhados pelo chão da casa não ser algo recorrente, é comum que a nossa ligação com a leitura seja consolidada de forma dispersa e fragmentada, isto é, regada pelos

esporádicos livros que ganhamos de presente durante a infância ou pelas indicações de leituras que recebemos de alguém. A construção de um perfil literário, quando não temos um convívio tão direto com os livros desde cedo, se dá ao ouvirmos da boca de algum conhecido, por exemplo, a sinopse de uma obra aparentemente interessante e irmos até ela apenas para saciar e satisfazer as inúmeras cenas e ilustrações que os comentários alheios sobre ela despertaram em nosso imaginário, pois, apesar de existirem as indicações de livros, a prática da leitura em si é algo intensamente íntimo, sendo assim, cumprida com excelência, apenas em um momento a dois entre o leitor e o livro.

Nessa lógica, Faleiros (2013), em seu artigo intitulado *Sobre o prazer e o dever de ler: Figurações de leitores e modelos de ensino da literatura*, defende bem esse ideal do intimismo que deve, fixamente, vincular o indivíduo à narrativa. Dirá ela que o leitor deve estabelecer com a obra “uma relação que é em certa medida solitária, individual, mas em permanente diálogo porque a linguagem é uma dimensão coletiva, social e histórica” (Faleiros, 2013, p.115). O pensamento da autora é fundamentado na metáfora criada por Ricardo Piglia, na obra *O último leitor*, na qual ele nos apresenta a personagem Russel, fotógrafo que esconde no sótão de sua casa uma maquete da cidade de Buenos Aires. Tal arte contém, contudo, uma ressalva: só pode ser visitada por uma pessoa por vez, o que provoca uma analogia direta com a visão de que a leitura só deve acontecer – pelo menos deveria – de maneira individual.

Nessa razão, assim como o sótão de Russel só permite a entrada de um expectador por vez, o mundo ficcional dos livros também segue a mesma política. O processo da leitura é árduo, minucioso e repleto de etapas que precisam ser seguidas ordenadamente, atribuindo-lhe assim, um caráter linear. Quando lemos, precisamos adentrar no universo em questão (o enredo da obra) sem olhar para trás, assumindo dessa forma uma espécie de pacto com a história que estamos prestes a embarcar. Todavia, o compromisso não é a característica mais habitual dos leitores. Apesar de ser admirado por muitos, o costume de ler é real na vida de poucos, e são inúmeros os fatores que tornam tal afirmação verdadeira, dentre eles, fatores associados à demasiada carga de trabalho de boa parte da população, à comodidade de conhecer obras literárias por meio de adaptações televisivas e/ou cinematográficas e, até mesmo, a elaboração da maioria dos vestibulares brasileiros, que cobram apenas trechos e recortes de obras, o que gera a tendência do aluno estudar apenas através da leitura de resumos de obras. Além disso, outra vertente que também possui uma considerável influência nesse baixo índice é o considerável número de

analfabetismo¹, reflexo, em muitos casos, de uma educação na qual pouco interessa a produção de conhecimentos e saberes da população.

Pelo fato de nosso trabalho pautar-se na formação literária dos alunos, nos centraremos nesse último exemplo, tentando entender, portanto, como o contato entre a leitura o estudante pode acontecer de forma mais ampla e dialogada dentro do ambiente escolar. Rezende (2013) aponta que a escola, relativamente, priva a liberdade do indivíduo em relação às escolhas do que ler. Enquanto nas férias, por exemplo, a criança ou adolescente possui o livre arbítrio de optar pela história que mais lhe agrada e combine com o seu estilo literário, no período de aulas é necessário que haja a subordinação em relação ao que for solicitado pelo cronograma escolar. Nesse ínterim, Rezende dirá que “a escola é menos livre que a sociedade: lida com objetivos e conteúdos inseridos num currículo ou programa”. Ou seja, por ser traçada e abordada com base em provas e avaliações, mesmo tendo um enredo que possa cair no gosto do aluno, os livros trabalhados pela escola, conhecidos, em sua grande maioria, como paradidático – que na visão de Azevedo (1999, p. 02), são livros “essencialmente utilitários, constituídos de informações objetivas que, em resumo, pretendem transmitir conhecimento e informação” –, já adquirem a antipatia imediata dos estudantes pelo simples fato de serem vistos como uma obrigação imposta pelo colégio. Dessa forma, o processo de formação do leitor, dentro da perspectiva escolar, torna-se um trajeto repleto de desafios que nos proporciona diversas práticas que podem ser repensadas, além de um mundo de estratégias que podem ser vistas com maior cautela e atenção por parte do professor – condutor principal dessa relação de parceria entre livro e aluno.

Nosso trabalho, intitulado *Dos quadrinhos para o quadro: um estudo da literatura em quadrinhos através do método recepcional* visa discutir os possíveis caminhos que uma aula de literatura, centrada no trabalho com o texto literário, propriamente dito, é capaz de apresentar. Escolhemos o gênero quadrinhos por ser um estilo literário que está perpassando por uma fase crescente (não de hoje) e por ser, de certa maneira, tão popular e “cativante”, no sentido de que tem conquistado um bom público leitor (principalmente no que diz respeito a crianças e adolescentes), até mesmo por sua linguagem fluida e de fácil compreensão e entendimento. Sobre o nosso *corpus*, optamos pelo conto de Mowgli, mais conhecido como, o “menino lobo”, contido na obra “*O Livro da Selva*”(2010),

¹ <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>

escrito originalmente pelo escritor indiano Rudyard Kipling. Diversos fatores nos levaram a decisão dessa escolha, mas falaremos aqui o principal: a grande propagação e consequente reconhecimento que essa história possui em todo o mundo – principalmente por meio das suas versões cinematográficas.

Logo, por meio da versão adaptada para quadrinhos do conto de Mowgli, pretendemos observar e analisar como se dá a construção do processo de leitura em sala de aula e como acontece a recepção dos alunos frente à obra literária trabalhada, a fim de verificarmos se o trabalho com a adaptação em quadrinhos, de alguma forma, facilita e corrobora a compreensão do aluno em relação ao que está lendo e também para o seu interesse em consultar a obra original, confirmando a ideia de que boas adaptações levam os estudantes às leituras dos clássicos, uma vez que são os clássicos que, habitualmente, transformam-se em adaptações. Assim, podemos sintetizar e afirmar que o objetivo geral de nossa pesquisa consiste em: *analisar o processo de recepção dos alunos frente a leitura de um clássico adaptado para os quadrinhos*. Desse modo, a partir desse questionamento central, afirmamos os nossos objetivos específicos:

- 1) *Observar a importância de um trabalho direto com adaptação literária nas aulas de literatura, a fim de formar novos leitores*
- 2) *Compreender o percurso histórico dos quadrinhos, bem como sua relevância e influência para os leitores de um modo geral, sobretudo, crianças e adolescentes*
- 3) *Analisar o porquê das histórias em quadrinhos ser consideradas boas ferramentas de estímulo para a leitura*

Nossa pesquisa é estruturada em três capítulos, os quais dividimos em três grandes e basilares temáticas: leitura, adaptação e escola (1), historiografia e estrutura dos quadrinhos (2) e descrição e análise da pesquisa (3). Organizamos os capítulos de tal forma, objetivando explicar em cada um deles pontos importantes para a melhor compreensão possível de nossa pesquisa.

No primeiro capítulo, desenvolvemos uma discussão sobre o método recepcional e sobre os efeitos da sua ausência, ou, “eufemizando” mais a situação”, da sua baixa frequência nas aulas de literatura. Fundamentados nos estudos e pesquisas de Faleiros (2013), Rezende (2013) e Rouxel (2013), buscamos questionar o porquê das dificuldades de formação de leitores nas aulas de literatura e compreender como esses entraves podem ser vencidos ou ao menos reduzidos. Através do método recepcional – por meio da leitura de adaptação de clássicos – buscamos traçar e descobrir algumas das respostas para as

problemáticas da consolidação de novos leitores. A escolha pelo método recepcional se deu justamente pelo fato desse promover uma maior interação entre o aluno e o texto, dando a esse uma autonomia de destaque ao assumir e desenvolver o seu papel enquanto leitor.

No segundo capítulo, pautados nos estudos de Vergueiro (2014) e Pina (2014), apresentamos um panorama histórico da trajetória dos quadrinhos até os dias contemporâneos. Nosso objetivo foi observar e analisar o progresso e espaço que tal gênero textual alcançou na esfera literária e social. Buscamos retratar o percurso dos quadrinhos a nível mundial e nacional, relatando seu surgimento inicial, até sua chegada e consolidação no Brasil. Por estarmos trabalhando diretamente com a adaptação quadrinística, acreditamos ser de extrema relevância a – ainda que breve – explanação do crescimento dos quadrinhos em meio ao seu percurso literário, até porque é sempre válido ressaltar o seu considerável avanço de passatempo da adolescência – proibido e mal visto pelos pais – para ferramenta eficaz e bem-sucedida nas aulas de literatura. Além do mais, também acreditamos ser relevante a apresentação básica da estrutura quadrinística, e por isso, evidenciamos também algumas características fundamentais para o bom funcionamento das HQs: a mesclagem das linguagens (verbal e não verbal) e os efeitos que tal combinação causa para o leitor.

Por fim, o terceiro capítulo apresentou a descrição e análise da experiência de leitura que tivemos em sala com alunos do sétimo ano. A atividade em sala de aula teve como elementos centrais os principais tópicos dos capítulos um e dois: o método recepcional e as histórias em quadrinhos, uma vez que realizamos com os alunos uma leitura reflexiva de uma obra clássica adaptada para os quadrinhos. Utilizamos o primeiro por acreditarmos que através dele o aluno tem um espaço maior para ocupar sua posição enquanto leitor e refletir em todas as provocações e inferências que o texto lhe despertou. Procuramos, então, caminhos que tornassem a aplicação desse contato literário a mais atrativa possível e encontramos nas histórias em quadrinhos, uma boa alternativa para isso. Deixamos, portanto, cada um ser “dono” de sua leitura e ter o seu momento com o enredo e as personagens da obra, para que assim, o aluno viesse a ter liberdade no seu ato de leitura, afinal, a recepção por parte do leitor, torna-se um processo construído linearmente, sendo necessário planejamento e boas estratégias para a sua execução, que foi, de modo generalizado, o que tentamos executar e comprovar ao longo de nossa pesquisa.

1. A ADAPTAÇÃO E O LEITOR: RESGATANDO E FORMANDO LEITORES

1.1 O método recepcional: de leitor a autor

Nessa seção, objetivamos explicar um pouco sobre no que consiste e se conceitua o método de leitura recepcional para que assim, posteriormente, possamos ter subsídios para dissertar sobre como seriam os reflexos da prática desse método em uma aula de literatura.

A abordagem teórica da Estética da Recepção é fruto do trabalho articulado entre diversos pesquisadores, dentre eles, destacamos dois: Wolfgang Iser (1926-2007) e Hans Robert Jauss (1921-1997). Teve início a partir dos anos sessenta, na Alemanha, e apresentava como principal proposta o diálogo direto entre obra e leitor. Expondo o principal ponto convergente dos estudos desses dois teóricos, temos a predominância do posicionamento do leitor e do contexto de produção do qual ele vem e fala. Na perspectiva do método recepcional, o leitor tem voz e essa voz será condutora fundamental no seu processo de leitura e compreensão do texto lido. O protagonista da leitura é não apenas o leitor, mas principalmente as condições históricas que o compõem enquanto sujeito. Nesse sentido, Bordini e Aguiar (1988;p.81) afirmam que “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada”. Essa afirmação nos promove uma série de reflexões no que diz respeito ao papel central do leitor durante a leitura, uma delas é a de que assim como o autor, quem ler um determinado texto também deixa sua marca e suas impressões na construção dele. Uma obra não abrange apenas o sentido e a visão de quem a escreveu, uma vez que a cada leitura, automaticamente e de forma espontânea, ela passa por um processo de releitura e, conseqüentemente, reescrita, pois se cada leitor contempla a obra com pontos de vistas diferentes e a partir de olhares e lugares diferentes, em cada leitura ela se renova e passará a ser uma nova história.

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. BORDINI E AGUIAR, 1988, p.14)

Quando analisamos uma obra sob a óptica da estética da recepção, percebemos que o elemento válido não é apenas o olhar do leitor sobre a história lida, mas, sobretudo,

o efeito que essa recepção acarretará no sujeito leitor, afinal, sem essa última figura, o ato da leitura jamais será efetivado e consolidado. Conforme Tragino (2013), Iser (1996) constrói uma concepção de leitor que adota uma postura mais personalista, isso é, o leitor possui consigo diversas facetas e irá alterná-las de acordo com o seu envolvimento com o texto. De acordo com Iser, o leitor pode ser real, implícito e fictício. O primeiro corresponde ao leitor tradicional, de fato, aquele que ler as páginas físicas e reais; já o implícito é apontado como o leitor que é formado pelo conjunto de palavras que circulam e percorrem pelo texto lido, ou seja, corresponde ao leitor que se fundamenta no texto propriamente dito e recupera sua consciência de leitor receptivo através do que lê; por último, mas não menos importante, nos é falado sobre o leitor fictício. Esse terceiro leitor é personalizado e formulado de acordo com a vontade do autor. O autor de determinada obra, ao escrevê-la, pensa e cogita nos leitores ideais e adequados para apreciarem ela, ou seja, leitores que recebam e leiam a obra, da mesma maneira que o autor hipotetizava que ela fosse lida e recebida.

Assim, diversas são as rotas que o sujeito pode trilhar enquanto leitor e o texto literário, portanto, torna-se uma espécie de labirinto, no qual o leitor é livre para traçar o caminho que se sentir mais à vontade e que for mais compatível a ele e a sua realidade. Contudo, abrimos espaço para um questionamento: como lidar com essas questões quando se trata de leitura literária em sala de aula? Sim, pois uma coisa é o sujeito e o livro, ali, a sós. Outra, é vários sujeitos, o livro e um outro indivíduo, com uma outra visão sobre o texto, assumindo as vezes de mediador literário. Vimos através do exemplo do fotógrafo Russel que a leitura é um processo que deve acontecer e produzir os seus efeitos de maneira individual, contudo, existem alguns momentos que é inevitável e até recomendável a leitura compartilhada, como no caso das aulas de literatura. Nesse viés, como lidar com os diversos “eu” presentes em um único ambiente, mas provindos de lugares e horizontes tão distintos?

1.2 A leitura na escola: o método recepcional enquanto agente na formação do eu leitor em sala de aula

A Língua Portuguesa, no que tange à disciplina escolar, é fragmentada em algumas escolas (na sua grande maioria nas instituições privadas) em três partes: gramática, produção textual e literatura. Essa última, no ensino médio, mantém o seu foco

na historiografia literária, já no ensino fundamental II – público que escolhemos para dialogar nesse trabalho – o seu estudo se dá, na maioria das vezes, pelo e para o próprio texto, com os conhecidos “livros paradidáticos”. O professor, com o relativamente, curto tempo de aula, precisa organizar bem o seu tempo para que a discussão acerca da obra discutida em sala seja produtiva e atraente para os alunos. A leitura seguida e ininterrupta pode tornar a estratégia de ensino enfadonha e nada instigante, logo, é necessário que o docente prepare suas mais variadas ferramentas de ataque para que possa estar preparado não só para fazer acontecer uma agradável e de bom rendimento, mas que também, e principalmente, possa fazer com que cada aluno descubra e desenvolva o sujeito que leitor que habita dentro de si.

Como já mencionado acima, a leitura delimita o ponto de encontro entre o ponto de vista do leitor e do autor (Bordini e Aqui:1988), cabendo ao professor, portanto, a missão de auxiliar o aluno a organizar a sua percepção e ao mesmo tempo articulá-la com a exposta na obra lida. Por esse processo de “cruzamento” de ideais do sujeito leitor e do sujeito autor ser algo um tanto complexo e nada imediatista, faz-se necessário estratégias não de ensino, mas de modos para desenvolver o trabalho com o livro literário em sala de aula, de maneira que os alunos compreendam a obra e sintam-se, em certo ponto, confortáveis em estudá-la.

A nossa escolha se direcionou para o universo dos quadrinhos justamente pela forte identificação de crianças e adolescentes para com ele. A sua linguagem acessível e sua própria estrutura, que foge das narrativas tradicionais, já despertam a curiosidade e maior atenção do leitor; além disso, por apresentar um diálogo por meio de balões e construído através da linguagem verbal e da não verbal, a leitura acaba por se tornar mais dinâmica e lúdica, o que colabora fortemente para o progresso da aula e, respectivamente, crescimento do aluno. Nessa lógica, sendo o livro selecionado algo atrativo para a turma (ou para boa parte dela), o professor já adquire um forte aliado para si: o interesse do seu aluno, pois tal interesse acarreta maior envolvimento e compromisso com a leitura, que por fim, gera diálogo e interação entre o aluno, a obra e o professor.

No seu artigo *Aspectos metodológicos do ensino da literatura*, Annie Rouxel (2013) aponta algumas premissas que estão diretamente associadas ao conceito de leitura literária, a segunda delas versa sobre o texto segundo a visão do leitor, o caracterizando como uma “realização singular, resultado de um processo de atualização do texto do autor”. (2013:p.19). Ou seja, o texto apresenta um caráter versátil e mutável, podendo e

permitindo-se ser reinventado, redescoberto e renovado a cada leitura. Trazendo e contextualizando tal comentário para o cenário do ensino da literatura (que inclusive é a perspectiva na qual o artigo citado se situa), podemos afirmar que um dos principais desafios enfrentados pelo professor de literatura é o de revelar ao aluno, na prática, toda a capacidade que a literatura tem de se adaptar à realidade interna dele, já que vários alunos ocupam a sala e, por conseguinte, várias realidades distintas também. Cabe ao professor, logo, ocupar o papel de mediador literário e ajudar a promover – até certo ponto, claro – o processo de fusão entre a experiência do leitor enquanto sujeito e o que a obra traz já intrínseca a si. Como falamos, acima, todo texto é um cruzamento de experiências passadas e atuais, e o aluno só pode ter conhecimento da dimensão e complexidade desse fato, com o auxílio de um professor que saiba equilibrar bem a participação nesse processo de leitura e o distanciamento no momento íntimo entre o aluno e o livro.

Contudo, nada fácil é promover esse “empurrãozinho inicial”, mas, como já afirma Bordini e Aguiar (1988:p.09) “o grupo social não é simplesmente um todo homogêneo. Nele habitam vontades, saberes e posicionamentos diversificados mas convergentes, que geram as possibilidades de relações internas e com outros grupos”, logo, por mais que a sala seja composta por diversos leitores e cada leitor possua o seu mundo a parte e particular, todos formam e fazem parte do mesmo elemento, a sala de aula, logo, o professor conseguindo realizar um trabalho pertinente com a leitura na turma, conquistará, como consequência, um trabalho de sucesso com cada aluno em específico. Além da dificuldade de alcançar um “consenso literário”, ou seja, de com a abordagem de uma mesma obra, agradar e prender a atenção de toda a classe, ainda há outra problemática, o de que maneira realizar o trabalho direto com o livro nas escolas, pois por mais contraditório que aparente, o ensino de literatura tem ficado cada vez mais distante do contato direto com o texto.

1.3 Drummonfraseando: as pedras no meio do caminho do ensino literário

Certa vez, Barthes afirmou que se todas as disciplinas precisassem ser extintas ao ponto de só uma salvar-se, que essa fosse a literatura, pois nela, podemos encontrar e contemplar todas as ciências (1979). Todavia, partindo para a realidade do cotidiano escolar e das salas de aula, a literatura não vem sendo valorizada e nem conduzida de

forma correta e sensata. São diversos os pontos que corroboram para que ocorra essa dispersão literária, dentre eles a vagueza e dificuldade na formulação de uma resposta exata sobre como deve funcionar, de forma eficaz, o ensino da literatura. Localizado na fronteira entre historiografia e resumos de obras canônicas, a figura do professor de literatura canônica encontra-se completamente perdida e desajustada em relação ao que ensinar e como ensinar. É recorrente ouvirmos boatos sobre uma possível crise na leitura e na literatura, mas muito mais do que recorrente, ouvir tal afirmação é intrigante, já que constantemente, são lançados novos autores com seus respectivos Best Sellers, no mercado editorial. Essa controversa faz-nos pensar um pouco não no rendimento da leitura em si, mas na crítica situação do ensino dela, ou do que deveria ser o seu ensino, uma vez que a literatura vem tendo o seu real sentido distorcido, sendo aplicada não como uma disciplina que priorize o texto, mas como uma faceta da história, que carrega os livros e a leitura apenas como participantes secundários em seu ensino. Nesse aspecto, Faleiros (2013, p.117) afirma que

Apesar da propaganda crise, a leitura literária é um fenômeno vivo. Talvez a natureza dessa crise esteja mais relacionada aos modos de ler literatura e de transmitir conhecimentos acumulados pelos estudos literários em contexto didático do que propriamente à literatura.

Embasados em tal ponto de vista, torna-se coerente e sensato dizermos que as pedras que a literatura tem enfrentado em sua trajetória se dão muito mais pelo fato como ela está sendo passada do que por ela em si. Na verdade, a indagação muitas vezes é, “se a literatura é passada?”. Segabinazi (2015, p.13) aponta que nos anos finais do ensino fundamental é detectado o “desaparecimento” da literatura, e isso nos faz inferir que o sumiço não é apenas dela, mas, sobretudo, de tudo o que a cerca: leitura, texto em sala de aula, aluno leitor e até mesmo, professor leitor. Ainda, segundo a visão de Segabinazi (2015), os professores preferem aproveitar o tempo das aulas de língua portuguesa para trabalhar exclusivamente gramática, “já que ensinar língua portuguesa parece ser mais útil nos dias atuais do que ler obras de ficção ou realizar leituras literárias”, e ainda mais, como se a literatura não fizesse parte da nossa língua portuguesa.

A leitura tem tudo para ser aplicada de forma encantadora e fascinante aos alunos, podendo ser responsável pela formação de um mundo de leitores. Por outro lado, a depender da maneira como ela é apresentada e construída na aula, pode ser também sinônimo de cansaço, fadiga e sono. O como trabalhar é um detalhe crucial e que provocará a distinção decisiva entre: formar um novo leitor e descartar um possível leitor,

pois é a partir da execução do ensino da leitura que o indivíduo passará a compreender o que, de fato ela (a leitura) não só representa, mas é.

Apesar de estarmos dissertando sobre uma necessidade urgente de repensar e alterar os modos sobre os quais vêm se tratando a literatura, reconhecemos que não é, em hipótese nenhuma, uma missão de fácil e simples execução. Um único mediador para dar conta de uma sala com vinte, trinta, quiçá até cinquenta alunos exige um emaranhado de boas estratégias e repertório literário. Rezende nos afirma que “na perspectiva tradicional de formação do leitor, caberia ao ensino fundamental “despertar” o gosto” (pela leitura). Ou seja, é no ensino fundamental que o professor terá um dos seus maiores desafios: estabelecer o contato e a empatia entre o aluno e a prática de ler. Contudo, apesar da dificuldade natural de estabelecer um vínculo de proximidade entre o aluno e a literatura, o professor, por meio da observação detalhada da turma durante as suas aulas, tem extrema capacidade de filtrar os principais assuntos que circulam nas conversas dos alunos, ou até mesmo, o estilo de história que o perfil da turma mais aparenta gostar. Além do mais, sem precisar conhecer a turma de uma maneira relativamente aprofundada, o professor pode pensar em táticas que facilitem o processo de leitura para faixa etária em questão (no nosso caso hipotético, adolescentes entre onze e doze anos de idade), como por exemplo, estilos de leitura que fujam do convencional e que passem a ser, de fato, uma atividade produtiva e prazerosa. Sendo assim, De acordo com Rouxel (2013, p.29),

no fundamental II, o professor coleta hipóteses de leitura, elaborações semânticas lacunares, insuficientes, às vezes errôneas, a partir das quais suscita a reflexão dos alunos e sua flexibilidade. Desse modo, ele ancora o processo interpretativo na leitura subjetiva dos alunos.

Ou seja, a partir de uma dada escolha de obra, o professor deve criar uma linha de pensamento e aplicá-la sob a turma, de uma forma que, se não agrada a absolutamente todos, seja do agrado, ao menos, da grande maioria, pois assim, na mesma proporção que o professor conquista o carinho e a atenção da turma, ele também trabalha o texto literário. Dessa maneira, com uma única solução (a abordagem direta e criativa com o texto literário), o professor é capaz de vencer dois grandes problemas: o como trabalhar a literatura e o como, simultaneamente reunir a atenção de toda a turma em uma única leitura. Na contramão dessa possível solução, retomamos Rouxel (2013, p.20), que diz que “o paradoxo da leitura literária em sala decorre de que lugar de estudos e de aquisição de saberes, ela, de fato, não é apenas mais uma leitura”. Dessa maneira, o trabalho com a

leitura em sala exige não apenas observação por parte do professor para saber quais livros renderão boas discussões com a turma, mas, principalmente, requer dinamismo e inovação. Falar sobre os livros e o potencial de transformação de vida que eles carregam é incrível. É bonito de ver e de ouvir histórias de pessoas que através de outras histórias tiveram inspiração o suficiente para fazer o possível e o impossível para ter suas vidas renovadas. No entanto, não existe nada que funcione melhor do que proporcionar ao aluno o encontro direto e real com a leitura. Não existe experiência mais funcional e que explique melhor para o aluno os bons efeitos do livro do que o próprio ato de ler, pois toda e cada leitura, de uma forma peculiar e enigmática, fala no íntimo de nós, leitores, e essa fala que acontece das mais variadas formas – identificação com algum personagem; recordação de alguma fase marcante da vida; reflexão sobre determinado assunto – é o fator determinante e suficiente para nos convencer de que sim: vale a pena ser um leitor. Afinal, como bem disse Rezende (2013, p.107) “quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, **um movimento de identificação.**” (grifos nossos).

1.4 Era uma vez... O mundo mágico da adaptação: um breve panorama da arte de recontar histórias:

A adaptação é um processo literário que todos nós já ouvimos falar. Não é necessário estudar literatura ou construir um trabalho de conclusão de curso sobre o ensino com base na adaptação em quadrinhos, por exemplo, para sabermos (mesmo que de maneira superficial) do que se trata a adaptação. Acreditamos que a maioria das pessoas já assistiu, por exemplo, a um filme que sofreu adaptação de algum romance, ou até mesmo acompanhou uma telenovela que teve seu roteiro inspirado nas páginas de algum livro, e quem sabe até não foi ao teatro assistir uma adaptação do Romeu e Julieta, eterno clássico do inglês Shakespeare. Sim a adaptação é um processo altamente propagado no meio literário, justamente pelo fato do público de leitores ser mutável. A cada ano, novos leitores surgem, e a cada nova “demanda” de leitores, novos gostos e estilos literários vão sendo inseridos, o que reflete diretamente na mudança no como contar as histórias. Logo, o decorrer do tempo traz consigo novos pensamentos, e esses são os responsáveis para que

As inúmeras adaptações, realizadas em momentos históricos distintos, concretizam o postulado de que a literatura não se apresenta como uma única resposta para as diferentes perguntas surgidas em cada época,

porque tanto o leitor como suas inquietações se modificam. (CARVALHO, 2006, p.18)

Assim, o exercício da adaptação consiste no ato de reescrever as mesmas histórias, mantendo a sua essência, mas ao mesmo tempo, fornecendo-as um novo olhar, um novo corpo. Além do mais, a adaptação (nesse caso, encaixa-se mais a referente a de obras infantis e juvenis), na sua origem, foi criada para fins educacionais, ou seja, as adaptações (infantis e juvenis) tinham caráter puramente doutrinadores e educativos, pois entendia-se que a leitura para esse público tinha quer ser apenas com tal finalidade. Porém, no início do século XIX, Monteiro Lobato passa a fazer parte desse universo das adaptações como um personagem importantíssimo e porque não dizer, revolucionário. Apesar de outros escritores, como Figueiredo Pimentel, por exemplo, contribuírem para o acervo literário infantil e juvenil, Lobato passa a, simultaneamente, traduzir e adaptar obras, pois à medida que ele traduz, ele atribui um estilo, de fato adaptado às obras, adequando a linguagem e a forma de contar para o novo público de leitores (Vieira, 2010).

Posteriormente à contribuição da escrita de Monteiro Lobato, a adaptação tornou-se uma ferramenta fundamental para consolidação durante o processo de formação de novos leitores, uma vez que, os enredos adaptados passaram a ter uma sintonia maior com o seu público, acarretando assim a empatia e o conforto do leitor para com a obra lida. Somado a isso, o processo de adaptação concebeu ao leitor um papel crucial na leitura, corroborando assim, o movimento da estética recepcional, pois a adaptação acontece justamente com o objetivo de contemplar e acompanhar o surgimento e os perfis dos novos leitores. No entanto, apesar de enxergar o novo leitor, ao escrever a adaptação de uma dada história, o escritor precisa ter grande cautela e prezar pela essência de seu enredo, para não distorcer nem ferir o cerne da narrativa. Nesse sentido, Vieira (2010, p.33) menciona que:

O bom adaptador é aquele que consegue ser original, sem tirar a qualidade da primeira obra; oferece uma releitura sensível e particular, preocupando-se com o público alvo. O perfil do leitor é de fundamental importância, já que será este público que norteará a sua confecção, que auxiliará o autor/adaptador a traçar métodos a serem adotados para a elaboração da obra adaptada.

Cabe, portanto, ao adaptador, a missão de multiplicar as mesmas histórias só que através de pontos de vistas diferentes. O desafio, e ao mesmo tempo, a magia da adaptação está no seu poder de junção de gerações através dos “mesmos” versos. Desde a época da tradição oral, diversas obras são lançadas e tornam-se símbolos marcantes de determinado

período; contudo, ao serem repassadas para as gerações vindouras, tais obras, em muitos casos, não conseguem implicar tamanho efeito e impacto, pois sua linguagem e forma de ser contada não estão apta, enquadrada para o público atual. Eis aí o legado da adaptação: facilitar o encontro de leitores de tempos diferentes; promover o contato entre o sujeito leitor e uma obra tida e vista como difícil ou de fácil acesso (seja no sentido físico ou no aspecto de compreensão do enredo mesmo); atualizar os clássicos ao mesmo tempo em que os eterniza.

É interessante ressaltarmos também que o processo de adaptação não se realiza somente por meio do ajuste da linguagem. Os meios de comunicação estão completamente em voga e são considerados agentes de extrema influência nessa difusão de maneiras de se contar histórias. A obra *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, do conhecido autor modernista João Guimarães Rosa, é famosa por apresentar uma leitura desafiadora, densa e que exige do leitor compromisso e total dedicação em cada página. São muitos os leitores que desistem de lê-la antes mesmo de abrir o livro, apenas pelos rumores negativos que circulam sobre a obra. Contudo, no ano de 1985, a Rede Globo organizou uma programação especial para a comemoração dos vinte anos da emissora, e dentro da grade de programas estava uma minissérie que recontava aquela história tão difícil de ser lida e tão temida por inúmeros leitores. Quantas pessoas não passaram a conhecer Riobaldo Tatarana de perto? Quantos desafetos Hermógenes não passou a ter? Quantas pessoas não passaram a ter sua meta de “leitura” realizada por meio da adaptação dessa obra? Sim, a adaptação, em meio a toda sua riqueza e mundo de pontos fortes, possui como um dos seus principais aliados o “dom” de realizar sonhos (leitores ter acesso a obras pensadas como “inalcançáveis”), proporcionar novas amizades (leitor e personagem) e sustentar a imortalidade de histórias que sempre têm algo para ensinar à humanidade.

Seguindo nesse aspecto do caráter multifacetado da adaptação, Formiga (2009, p.21-22) diz que:

O termo “adaptar”, hoje, é comumente usado para definir a transformação de uma obra literária para as várias artes e mídias, da narrativa romanesca ao cinema, ao teatro, à TV. Os clássicos da literatura chegam ao mundo inteiro através de outros meios que não os impressos. Há mais de cinco séculos da produção da obra shakesperiana, *Romeu e Julieta* tem sido adaptada nos infinitos campos e áreas do cinema, da música, das HQs com a Turma da Mônica, da literatura e do próprio teatro, gênero em que o autor inglês escreveu essa história. O drama mantém-se famoso nas produções cinematográficas atuais. O clássico de Lewis Carroll, *Alice no País das*

Maravilhas, recém-adaptado pelo cineasta estadunidense Tim Burton (...) também já teve seu texto transformado sob as mais diversas materialidades. Muitos romances literários brasileiros, destacando-se os de José de Alencar e os de Machado de Assis, são fontes de enredos telenovelisticos no país desde 19517. Sob uma perspectiva cultural moderna, a adaptação é também produzida para a materialidade do texto escrito.

Assim, torna-se evidente a popularidade da adaptação e o progresso que ela provoca no mundo da literatura e, por conseguinte, no aumento de leitores, ou, na pior das hipóteses, de conhecedores de obras importantes para a nossa literatura.

No que diz respeito ao nosso trabalho, a adaptação carrega um papel de extrema importância, pois ela representa um instrumento pertinente, inovador e eficaz nas aulas de literatura. Um dos motivos mais alegados pelos alunos para justificar a monotonia das aulas que envolvem leitura, além do que o de que os livros escolhidos pelas escolas são chatos e não despertam uma mínima empolgação que seja, é o de que a leitura das obras selecionadas é difícil e ninguém consegue compreender. Dessa maneira, observando bem – como já discutido acima – o perfil leitor da turma, por meio de conversas paralelas e comentários perdidos por parte dos alunos e achados pelo professor, é possível e natural que ele (o professor) saiba qual o estilo de obra mais adequado para ser aplicado na sala em questão. Tal escolha, se e quando feita por uma adaptação, tem grandes chances de ser bem-sucedida, uma vez que, intervém diretamente na desculpa de que a linguagem das obras é maçante e cansativa, já que, em sua grande maioria, as adaptações apresentam uma linguagem compatível ao público leitor, no caso de alunos do fundamental, um público infantil – juvenil.

Dado o exposto, portanto, é possível percebermos que há um vazio a ser preenchido durante as aulas de literatura na educação brasileira, e que parte da razão dessa lacuna é explicada não pela ausência do texto, propriamente dita, mas por algo que vai bem além, pelo não saber o porquê trabalhar com o texto (a importância disso) e o como abordá-lo e dele fazer bom proveito. Acreditamos, então, que o professor de literatura, acima de tudo, precisa recuperar a sua identidade, uma vez que, o professor de uma disciplina que consiste na descoberta e análise de textos, se ver perdido nas estratégias de uso do texto, infere, no mínimo, uma crise na propagação e ensino da literatura. Essa crise, apesar de partir do como ensinar, acaba por refletir diretamente no como receber, e eis que surge nossa problemática central: quais medidas devem ser tomadas pelo professor de literatura, para que o compromisso do aluno com a leitura seja selado de maneira espontânea, sem o bloqueio de que ler é uma espécie de tortura e obrigação que

a escola impõe. Buscamos, portanto, estratégias que despertem o interesse do aluno fora da sala de aula. Que comece lá, mas que se estenda para as outras esferas da vida. Vimos nas adaptações em quadrinhos uma solução coerente e diretamente associada para o problema em questão, pois é um estilo literário que rompe com o convencional e chama a atenção com suas ilustrações e figuras de linguagem peculiares, ao exemplo da onomatopeia. Assim, com uma “personalidade” diferenciada e adequada para uma turma de alunos do anos iniciais do fundamental II, as adaptações, e de maneira mais específica, as adaptações de clássicos para os quadrinhos , serão fortes aliadas nossas nessa empreitada acadêmica e literária, que visa alcançar um melhor rendimento nas aulas de literatura, o que significa contribuir para o aprimoramento de professores mais aptos para trabalhar com o texto e para a formação de leitores que não se limitem apenas a ler (e de má vontade) na escola e somente o que a escola pede, mas que abram e escancarem todas as portas e janelas do seu imaginário, para que a leitura possa adentrar e ser, pelo resto da vida, sua fada madrinha fiel e infalível.

2. PRECONCEITO, SUCESSO E EDUCAÇÃO: UM PANORAMA DO PERCURSO HISTÓRICO DOS QUADRINHOS

2.1 Cortando as asas da imaginação...

Não é muito comum vermos uma criança ou adolescente com um livro debaixo do braço, ou próximo da cabeceira de sua cama. Caso fosse solicitado que você fechasse os olhos e construísse em sua imaginação um quarto de criança, é muito provável que você pensasse em diversos brinquedos e bonecos espalhados, mas é provável que, dificilmente, livros estariam presentes na visualização, uma vez que a leitura passa uma imagem de hábito chato e sem graça para o público infante juvenil, tornando-se assim um elemento estranho e deslocado para os que compõem essa parcela da sociedade.

Contudo, uma modalidade, em especial, da literatura provoca e desperta a mudança nesse pensamento (quase) generalizado: as histórias em quadrinhos, mais conhecidas como HQs. Quantas crianças, de diversas gerações, não viram as suas tardes passar ao lado das aventuras de Batman e Robin? Ou riram ao mesmo tempo em que sentiam pena das "coelhadas" que o Cebolinha levava da Mônica sempre que aprontava algo? As histórias em quadrinhos marcam grande parte da história cultural, industrial e literária do nosso país e todo esse trajeto de sucesso lhes permitiram (e permitem até hoje) trilhar um caminho de sucesso e de boa recepção para um público alvo considerável. Porém, nem sempre a propagação das HQs aconteceu assim, de forma fácil e fluida, pois logo no início das publicações desse suporte, em meados de início do século XX, diversos autores e obras foram vítimas de preconceito e de olhares de inferioridade, que julgavam e reduziam os quadrinhos a um mero passatempo de refúgio, ou seja, a um elemento extraclasse que tinha como função apenas interferir negativamente no desempenho do aluno, uma vez que não lhe acrescentaria nada de produtivo.

No curso online "Quadrinhos em sala de aula", produzido e organizado pela Fundação Demócrito Rocha, Vergueiro (2018) afirma que desde que teve suas primeiras aparições, meados da década de 20, até o início dos anos 2000, as HQs eram completamente fiscalizadas e mal interpretadas por grandes instituições como escolas e famílias. Tal fase existiu por conta do seu estilo inovador, para o início do século XX, e diferenciado de fazer e contar histórias por meio de uma linguagem única e peculiar sua,

pois como diz Vergueiro, (2005, p.31) “as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal”, e essa combinação era algo novo para os leitores da época, causando assim uma impressão de estranhamento e de desconfiança para muitas pessoas.

Com o passar do tempo – veremos esse percurso nas próximas seções – as obras em quadrinhos passaram a ser mais aceita e melhor vista pela sociedade, sobretudo no que diz respeito ao seu uso em ambiente escolar, porém, se hoje não é raro encontrarmos crianças, no ambiente escolar, lendo gibis na hora do intervalo ou no tempo livre entre uma aula e outra, há algumas décadas era praticamente impossível. Não da leitura de HQs acontecer, mas sim, de ocorrer de forma livre e explícita, pois, apesar de hoje ser considerado “um produto cultural ao qual crianças e jovens têm acesso informalmente” (Ramos e Feba 2011, p.28), nem sempre os quadrinhos foi um material de fácil contato, justamente pelo fato de que a visão negativa que os envolvia era forte o suficiente para que pais e professores repreendessem o estudante que ousasse substituir um livro de verdade por um amontoado de ilustrações e balõeszinhos. Desse modo, o rico e abrangente vínculo que as HQs proporcionavam entre o leitor e o seu imaginário era enxergado como fator prejudicial ao processo de aprendizagem e absorção de conteúdo do aluno, tornando assim, todo e qualquer material que fosse associado à história em quadrinhos, inimigo declarado da formação educacional do indivíduo.

Ainda versando sobre a perspectiva da educação, o ensino deve ser direcionado pelo objetivo de transformação de mente e de vida, logo, trazendo à tona um cenário mais atual sobre o uso das HQs na sala de aula, não faz sentido a ainda existência de resquícios de preconceitos do passado, já que o uso de gibis, charges, e todo qualquer gênero que aborda um estilo quadrinístico, fortalece a habilidade do aluno no processo de comunicação, pois tais gêneros “demonstram uma forma de representação da realidade por meio de uma linguagem simbolicamente elaborada, que permite **a comunicação** entre as pessoas, assim como já faziam os homens de períodos mais antigos” (Ramos e Feba 2011,p.218, grifos nossos). Nessa lógica, uma genuína aula de literatura, de maneira mais específica, deve ter como um de seus princípios centrais a provocação para uma visão mais ampla do aluno sob o mundo que o rodeia. Seguindo de acordo com esse ideal, Tinoco (2013, p.140) afirma que uma boa leitura consiste em “ler dialogicamente o mundo em uma obra escrita; ler as marcas de um homem-sujeito que faz do mundo seu objeto de existência e comunicação – homem que está no mundo.” Ou seja, o processo de

leitura de uma obra escrita – não necessariamente só por palavras – permite e conduz o leitor a traçar a sua marca identitária no mundo em que esse vive, contribuindo assim para a sua formação enquanto indivíduo participante da sociedade. Nesse viés, em seu clássico e emblemático ensaio, Cândido (1995, p. 174-175) defende o ponto de vista que

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Embasados nas palavras de Cândido, é possível afirmarmos quão rica e vasta é a contribuição da literatura para nossa vida e experiência diária enquanto seres humanos, pois nos ensina a encontrarmos o nosso lugar no ambiente no qual estamos inseridos. Para dentre os diversos canais de fuga da realidade, é perceptível a menção das histórias em quadrinhos, o que confirma a ideia de que os quadrinhos está incluso no repertório de nossa literatura, logo, também pode ser considerado uma ferramenta de leitura no processo de transformação literária do alunado, já que, por meio deles (quadrinhos) o professor possui a capacidade, através da linguagens verbais e não verbais, de dialogar com a sua turma, afinal, conforme Tinoco (2013, p.142), a essência da linguagem é dialógica e não enxergar esse dialogismo é o mesmo que romper com a relação entre a linguagem e a vida.

Assim, o uso das histórias em quadrinhos na sala de aula é de crucial relevância para o andamento e eficácia de uma aula de literatura e, principalmente, para a formação leitora do estudante, haja vista que elas permitem uma relação peculiar do aluno com a literatura, uma vez que revelam “outras maneiras de “ler” e compreender o mundo que nos cerca” (Oliveira 2014, p.38).

2.2 Folheando algumas páginas anteriores

O trajeto das HQs iniciou-se nos Estados Unidos e de uma forma não muito bem quista nem vista pelo público mais velho, como dito anteriormente. Qualquer indício de baixo rendimento e desempenho escolar por parte do aluno consumidor de HQs, a responsabilidade, provavelmente, seria atribuída à leitura desses últimos, pois pelo fato de fugir do padrão tradicional de livro, os quadrinhos acabam por passar uma imagem de literatura amadora, não passando assim confiança, seriedade, nem muito menos impressão de que o indivíduo estaria lendo um livro “como qualquer outro” (fazemos menção ao que diz respeito a valor e importância da leitura).

Mesmo com tantas hipóteses e afirmações contrárias, ainda no início do século XX, a literatura em quadrinhos passou a ter um espaço reservado em periódicos semanais, na forma de tiras mesmo, sem episódios que apresentassem uma possível e posterior continuação. Conforme o número de leitores e apreciadores da nova arte foi aumentando, o seu destaque nos veículos de comunicação também seguiu pela mesma proporção, tanto que não custou muito para as revistas, diariamente, passarem a publicar empolgantes e envolventes aventuras de personagens que, facilmente, caíram no gosto popular.

De acordo com Chinen, Vergueiro e Ramos (2014), Tarzan, personagem título de uma série publicada semanalmente nos jornais (estreada em 1929 pelos riscos de Harold Foster) e inspirado no romance de Edgar Rice Burroughs, foi um das primeiras narrativas a ser adaptadas para a versão dos quadrinhos e, por sua vez, uma espécie de divisor de águas na historiografia dos quadrinhos, pois, por se tratar de uma personagem já conhecida por boa parte do público (por meio dos jornais, como citado anteriormente), sua narrativa proporcionou um vínculo de ligação muito relevante entre os leitores e o herói da história, dando assim, uma engrenagem inovadora e inspiradora para o avanço e progresso das escritas e publicações dos quadrinhos. Já no que diz respeito ao contexto brasileiro, a revista O Tico Tico, por exemplo, foi um dos principais estopins que eclodiram e marcaram o sucesso das hqs no país, uma vez que foi o primeiro veículo a publicar histórias em quadrinhos no âmbito nacional.

A partir daí, e até mesmo simultaneamente ao sucesso de Tarzan, diversas outras boas e instigantes histórias foram sendo formuladas, mundialmente, sobretudo nos Estados Unidos, e seus heróis e aventuras bem recebidos pelo público leitor. Tal sucesso, portanto, logo foi provocado e sustentado não só pelas personagens carismáticas e

lançamentos de episódios diários, mas também por conta da fácil empatia que as crianças, adolescentes e jovens nutriam pela nova modalidade escrita. Personagens populares como Batman e Superman, por exemplo, prendiam o público leitor com suas aventuradas narradas em forma de episódios, criando assim uma espécie de série em quadrinhos. Além do mais, a forma colorida e ilustrada de narrar histórias empolgava o público leitor. O universo animado dos quadrinhos guardava como seu principal trunfo o dinamismo de sequências lúdicas e a mistura entre as linguagens verbal e não verbal. Sobre esse último aspecto, Ramos e Feba (2011,p.225) dissertam que “a narrativa é formada por palavra e por imagem que se articulam”. Nesse sentido, ler uma história e podê-la acompanhar visualmente na mesma medida é, indubitavelmente, uma característica peculiar e bastante positiva para a vertente “quadrinística”, uma vez que fornece ao leitor um “suporte” para o preenchimento de sua imaginação em face à palavra escrita que está sendo lida.

Ainda, nesse ínterim, Guimarães (2003,p.07) afirma que “a realidade que se consegue representar com a História em Quadrinhos até o momento é uma **realidade visual**, cujo espaço tridimensional é representado numa superfície plana, e **dinâmica**, cujo movimento é representado por uma seqüência de **imagens estáticas**” (grifos nossos). A expressão “realidade visual” descreve bem a ideia da importância que o aspecto imagético fornece aos quadrinhos, uma vez que tudo que eles (os quadrinhos) conseguem relatar é pautado por meio de uma seqüência de imagens (estáticas). Em muitos quadrinhos pode não haver apresentação de linguagem verbal, contudo, a não verbal é imprescindível, já que, como bem disse Guimarães, trata-se da realidade representada por eles.

Ainda obtendo como foco a fala de Guimarães, é relevante destacarmos a antítese que é formada com o uso da palavra “dinâmica” e do termo “imagens estáticas” que nos diz que, apesar de uma HQ ser composta por imagens estáticas, essas mesmas imagens estáticas são as responsáveis pela sua performance de dinamismo e velocidade. Desse modo, é possível observarmos que um único quadrinho representa apenas uma imagem isolada, mas o conjunto deles, vai muito além da representação de meras imagens estáticas, e passa a ser símbolo de fluidez e dinamismo textual.

Mesmo sendo bem vista pelo seu público leitor – justamente por conta dos seus elementos diferenciados, como seqüência de ilustrações, e diálogo e relação direta entre palavra e imagem – as histórias em quadrinhos, ainda no século XX, foi alvo de críticas,

por uma grande parcela da população, – preconceito esse a nível mundial – através de inúmeros comentários sem fundamentos e especulações negativas, como por exemplo, o de que a leitura em excesso dos quadrinhos é prejudicial ao processo de formação educacional do indivíduo. Dentre os arque rivais declarados da nova tendência de escrita, é válido destacar um: o psiquiatra alemão Fredric Wertham. De acordo com Vergueiro (2005, p.11), posteriormente ao fim da segunda Guerra Mundial e ao início do período de Guerra Fria (meados da metade da década de 40), o Dr. Wertham lutou e protestou incessantemente contra a propagação dos quadrinhos, alegando que a leitura da modalidade em questão era altamente prejudicial para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente na fase da infância e da adolescência, o que dificultou consideravelmente o avanço da leitura quadrinística. Por conta do lugar social que ocupava, o médico consolidou bastantes seguidores que apoiavam a ideia de vetar a circulação dos quadrinhos. Seus argumentos pautavam-se sobre diversas perspectivas, dentre elas, a de que a leitura das HQs corroborava um certo desajuste mental nos seus leitores, já que interferia diretamente e fortemente no imaginário deles.

Para fundamentar sua tese, o psiquiatra mencionava as HQs de histórias de terror e suspense, afirmando com veemência que elas não eram saudáveis e que a maioria dos seus pacientes com problemas mentais tinha acesso frequente a elas (Vergueiro 2005, p.11). Além disso, a crítica do médico também se estendia a personagens mais populares, como os super-heróis. Sobre as aventuras de Batman e Robin, por exemplo, ele afirmava existir uma conotação homossexual, uma vez que os dois protagonistas do enredo, na visão de Wertham, “representavam o sonho de dois homossexuais viverem juntos”, já o Superman poderia incentivar jovens e crianças a cometerem suicídio ao tentarem imitá-lo, se jogando pela janela (Vergueiro 2005, p.12). Mediante a essa situação, o controle, a repressão e a vigilância tanto nos lares, quanto nas escolas foram levados bem a sério por pais, diretores e professores. para os defensores e participantes da elaboração e escrita das histórias em quadrinhos e também para os apreciadores dessa arte,). Era necessário, portanto, uma estratégia para reverter esse cenário e, assim, combater o maior vilão que os quadrinhos já enfrentou ao longo de sua jornada: o preconceito.

2.3 Enveredando por novos caminhos: a adaptação de clássicos literários como uma estratégia das HQs.

O processo de adaptação não é uma tendência dos dias atuais, nem muito menos uma prática inédita. Desde períodos anteriores, pessoas exerciam a arte de recontar outras histórias – principalmente oralmente. É comum uma mesma história apresentar uma vastidão de versões, versões essas que são frutos, justamente, das mudanças que sempre vão sendo inseridas e acrescentadas pelos ouvintes/leitores ao longo do tempo. Formiga (2013) afirma que a chegada de novos contextos “pede” um novo formato para determinados textos. Um livro que, a uma primeira vista, apresenta uma má impressão para o seu leitor, quando passado por uma repaginação pode fazê-lo mudar drasticamente de opinião. É o que acontece com os clássicos da literatura quando adaptados para as histórias em quadrinhos. Muitas vezes, os clássicos em suas versões originais e “tradicionais” são lidos pelo aluno de maneira obrigatória, simplesmente por uma imposição escolar. Pelo fato da maioria deles possuir uma leitura cansativa e desgastante, com um vocabulário não tão familiar para os leitores do século XXI, e as páginas repletas de palavras, do início ao fim, é natural que diversos alunos criem uma aversão ao hábito de leitura, associando os livros a algo chato, sonolento e monótono.

As adaptações para HQs trazem consigo uma proposição para romper essa visão. Ainda no século XX, quando as histórias em quadrinhos ainda estavam atravessando o longo e duro abismo da aceitação da sociedade, os seus autores e ilustradores enxergaram na apropriação e recontagem de histórias existentes uma fórmula nada secreta, mas completamente certa e eficaz, afinal, como bem afirmam Chinen, Vergueiro e Ramos (2014, p.14),

transpor para outra linguagem um texto que já passara pelo crivo do público parecia uma fórmula muito segura de atrair leitores e agradar aos críticos que acusavam os quadrinhos de afastar os jovens dos romances em sua versão original.

O “contra-ataque literário” estava planejado. A “legalização” da leitura em quadrinhos seria realizada e a mudança de opinião dos seus principais críticos e algozes deixaria de ter o seu argumento mais forte, o afastamento que os alunos teriam dos estudos. Tal prática foi apenas mais intensificada, pois em meados de 1941 já havia sido publicada a quadrinização do romance de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros*, por meio do editor Albert Kanter na produção Classic Comics da Gilbert Publications, do mercado editorial norte-americano (Chinen, Vergueiro e Ramos 2014, p.14). Desde então, com a crescente opressão do Dr. Werthan, foram “revelados” diversos clássicos da

literatura na versão de HQs. No Brasil, por exemplo, José de Alencar e Machado de Assis foram nomes de forte presença nessa lista de obras adaptadas.

Ainda segundo Chinen, Vergueiro e Ramos (201, p.15), o primeiro romance brasileiro a ser adaptado para os quadrinhos foi *O Guarani*, cuja autoria é de José de Alencar, em 1937. Depois disso, outras editoras foram sendo criadas e firmadas no mercado brasileiro, dando continuidade e iniciando uma tradição nas publicações quadrinísticas de clássicos literários. O próprio José de Alencar, por exemplo, teve diversas obras suas desenhadas nos quadrinhos, dentre elas, *Ubirajara*, *Iracema e Senhora*. Além dele, autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Joaquim Manuel de Macedo fazem parte do grupo de autores que tiveram suas obras adaptadas para as HQs, (Chinen, Vergueiro e Ramos). Vale salientar ainda que, nesse período, entre a década de 40 e o final da de 50 do século XX, apesar do grande auge ter sido em volta das adaptações de clássicos (canônicos) literários, o sucesso não se limitou apenas neles. No ano de 1956, a Editora paulista La Selva lançou a revista *Aventuras Heróicas*, a qual, mesmo volta e meia publicando algumas adaptações, tinha o seu foco destinado para a criação de sagas e aventuras de heróis, como o próprio nome deixa a sugerir (Chinen, Vergueiro e Ramos:2014). Contudo, mesmo com a “fabricação” de novos heróis, o segredo do sucesso quadrinístico se dava, sobretudo, ao sucesso já existente de histórias conhecidas do público que eram apenas adaptadas para o mundo das HQs, mundo esse que apresenta um cenário mais simples e confortável para um leitor mais jovem.

Dentro desse contexto, é natural pensarmos e cogitarmos que um adolescente de quatorze anos não iria se sentir a vontade nem preparado, por exemplo, para ler uma obra de Machado de Assis, por exemplo. Todavia, se esse hipotético jovem for apresentado por uma versão em quadrinhos do conto machadiano *Pai conta mãe*, é provável que ele fique, pelo menos, interessado em folhear a obra, uma vez que ela apresentará elementos que compitam pela atenção do leitor: como as ilustrações e onomatopeias, por exemplo. Nessa lógica, segundo Vergueiro (2005, p.31), “os autores da de HQS, ao longo dos anos, foram desenvolvendo e aplicando elementos que passaram a fazer parte integrante da linguagem **específica** do gênero” (grifos nossos).

Ou seja, as mentes pensantes que estão por trás da criação dos enredos e das personagens dos quadrinhos (autores, adaptadores e ilustradores) são responsáveis pela elaboração de uma espécie de código que diferencia e torna peculiar a linguagem do

gênero em questão. A combinação entre imagem e palavra é o “truque de mestre” das histórias em quadrinhos, pois fornece um dinamismo veloz e repleto de entusiasmo para o leitor. Ao ler determinada sentença e contemplar sua execução, simultaneamente, ser representada por meio de desenhos, o aluno (já que nosso trabalho situa-se numa perspectiva voltada para a sala de aula) direciona sua atenção e curiosidade para a sequência de fatos do enredo, tendo assim a sua atenção presa e centralizada na leitura. Foi sob essa óptica que Will Eisner, renomado nome da escrita de HQs, disse que “as histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais” (Eisner, 2010, p.9), reafirmando assim a ideia de que a linguagem dos quadrinhos é “sedutora” justamente pelo mix que ela provoca entre imagens e palavras, tornando-se assim convidativa para qualquer tipo de obra, desde o mais recente lançamento da *Turma da Mônica*, obra genuinamente quadrinística, até a adaptação do mais remoto romance canônico da nossa história literária.

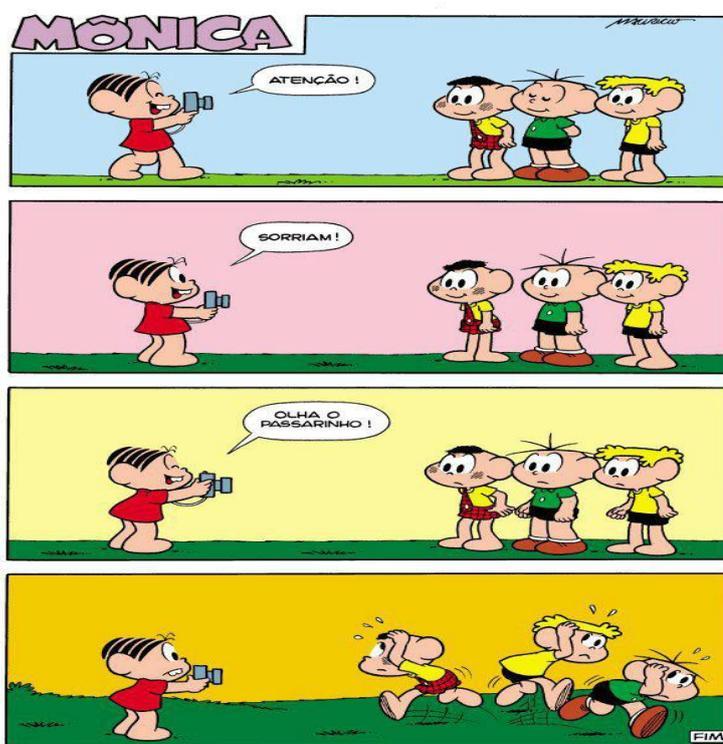
2.4. Uma imagem vale mais do que mil palavras: uma breve explicação da linguagem das HQS

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”. Quem nunca ouviu esse dito popular? Se no nosso cotidiano ele tem lá o seu valor, para a realidade das histórias em quadrinhos nem se fala. Chega a ser impressionante a quantidade de riquezas e a abrangente fonte de detalhes e informações que um único quadrinho, isto é, uma única imagem, pode fornecer ao leitor. “A linguagem desenhada é o elemento básico das histórias em quadrinhos”, assim afirma Vergueiro (2005:p.32), porém, ainda versando na obra do autor citado nos depararemos também com o seguinte pensamento:

A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQS, eles não podem ser pensados separadamente. (Vergueiro:2005, p.31)

Logo, com base no ponto de vista apresentado acima, podemos chegar a conclusão que, apesar de enxergar na linguagem não-verbal uma ferramenta de alto potencial e extrema importância para a construção de novos leitores, as histórias em quadrinhos vão ter o seu sentido produzido, **plenamente**, na soma dos dois tipos de linguagem (verbal e não verbal), ou seja, tanto os traços ilustrativos, quanto as marcas linguísticas escritas possuem o seu valor dentro da estrutura quadrinista, mas a importância isolada atribuída a cada uma em particular não é nenhum pouco comparada com o sentido e lógica que a junção das duas resulta. Para facilitar a compreensão do que acabamos de discutir, observe com atenção a imagem abaixo:

Figura 01 – Imagem representativa da *Turma da Mônica*



Fonte: <https://catracalivre.com.br/criatividade/muitas-tirinhas-da-turma-da-monica-para-se-esbaldar/>

A tirinha acima é da conhecida *Turma da Mônica*, cuja autoria pertence ao desenhista e escritor Maurício de Souza. Apesar da revista que narra as aventuras da trupe da menina brava e dentuça não compor o nosso *corpus*, sua popularidade em meio aos leitores (e não leitores) brasileiros nos fez acreditar que uma exemplificação por meio

dela poderia facilitar consideravelmente a compreensão sobre o que foi explicado até aqui.

Na tirinha acima, os balões que apresentam a fala de Mônica são relevantes para a construção de sentido da tirinha? Sim, a obviedade da resposta é tão grande que se não fosse necessário, só teria as imagens, sem fala escrita. Contudo, a expressão dos meninos, exposta, sobretudo, no último quadrinho é crucial para que o sentido total da tirinha seja produzido, inclusive, para que o sentido da fala de Mônica seja produzido. Sendo assim, fica evidente e comprovado o quanto que é importante para o avanço do leitor de HQS a plena e constante harmonia entre imagem e palavra escrita, pois sem essa afinidade a leitura fica travada, perdida e sem lógica.

Ramos e Feba (2011), em meio a uma discussão sobre os atuais instrumentos de acesso a histórias para crianças e adolescentes, afirmam que

Tradicionalmente, as histórias chegam à criança pela voz do adulto (...) parece-nos que, na contemporaneidade, recursos visuais têm o propósito de auxiliar a criança a interagir com os livros, de modo que o leitor mirim possa ler sem a presença obrigatória de um adulto (2011:p.215)

Tal excerto evidencia bem a relevância fundamental que a imagem apresenta no processo da criança/adolescente do século XXI. A auto interpretação está tornando-se um hábito cada vez mais comum, ou seja, leitores, cada vez mais cedo, estão tomando conta do seu espaço e posicionamento, o que permite ser inferido que se faz necessário aparição de elementos e estratégias que auxiliem e colaborarem para a consolidação desse avanço e “independência” na formação leitora. Ainda em Ramos e Feba (201, p.215) é dito que “a literatura enquanto arte vai sofrendo alterações de acordo com o contexto sociocultural”. Nesse sentido podemos deduzir que, se há décadas, o principal modo de repassar histórias e contos para as novas gerações era o popular e indestrutível “boca a boca”, ou seja, a tradicional contação de histórias, nos dias de hoje, já é possível e nada raro nem estranho vermos leitores sendo formados por “si próprios”, apontando significados às histórias que leem não por meio das palavras, propriamente dita, mas principalmente, por meio e incentivo da imagem, que, em grande parte de sua aparição, vale por mil daquelas (as palavras), como bem define o título de nosso tópico.

Ainda no âmbito ilustrativo, é válido ressaltarmos a credibilidade que um livro repleto de (boas) imagens passa para o público de leitores mais “novos”. Na verdade, a

mistura entre palavras e desenhos sempre foi elemento ativo e participante da literatura infantil (Ramos e Feba, 2011, p.216), talvez por tal fato, os gibis, mangás, cartoons, charges e tirinhas funcionem como instrumentos de leitura tão pertinentes e eficazes para público infantil e juvenil. Tal afirmação é corroborada pelo sucesso de bilheteria que os cinemas alcançam sempre que lançam a adaptação de um clássico literário, por exemplo. O indivíduo gosta de ver (literalmente, com seus olhos) a construção e representação daquilo que é lido, tanto é que quando lemos livros sem figuras, automaticamente, nos flagramos traçando o rosto e o semblante de cada personagem que conhecemos ao longo da narrativa. Silva (2013, p.54) dirá que, apropriando-se da linguagem, “o homem é capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis representados pelos personagens, além de outras dimensões próprias do fazer literário e de sua recepção”. Tal afirmação estabelece uma ligação direta com a ideia da riqueza que o imaginário de um leitor conquista com o auxílio de uma leitura “mista” (imagens e palavras).

Além disso, a leitura das HQs, seja qual modalidade for: gibi, mangá, tirinhas, contribuem para que o leitor fuja do convencional e treine seu raciocínio, pois é necessário que, em algumas leituras, ele tenha que ler mais de uma vez para compreender ao certo a relação que o autor quis estabelecer entre figura e palavra. Ramos e Feba (2011, p.216) vão defender o ponto de vista que “a leitura de história em quadrinhos exige tanto a interação entre as duas linguagens como também a apreensão de cada quadro em particular e, ainda, o conjunto de quadrinhos para, de fato, haver entendimento”. Ou seja, todo esse trabalho de articulação entre quadrinhos individuais, quadrinhos coletivos, e contato direto entre leitura de palavra e leitura de imagem acrescentam, de maneira fortemente positiva, na composição e plausível desempenho do papel de leitor, (de um bom, hábil e competente leitor).

Por liberar tamanho fascínio por parte dos seus leitores, as histórias em quadrinhos, logo em seu período de lançamento, sofreram um forte movimento de preconceito, como bem dito e reforçado acima. Contudo, até hoje, não é difícil vermos pais que na hora de comprar um livro para seu filho e esse opta por um gibi, vetam a escolha, alegando que tem que ler livro “de verdade” e não só gibi. Tal comentário, que de tão propagado acabou transformando-se em senso comum para boa parte da sociedade é visto e diluído com muita naturalidade. Por se tratar um estilo peculiar e que foge do tradicional, as histórias em quadrinhos não são tão levadas a sério assim pelo público

leitor mais conservador e tradicional. Pensamentos, como “um livro que, por vezes, contém mais desenho do que palavras não passa credibilidade” são equivocados – já que discutimos o emaranhado de aspectos benéficos e positivos que o trabalho direto com a linguagem quadrinística disponibiliza para os seus leitores – mas, infelizmente, bastante frequentes.

2.5 Da selva para os quadrinhos: uma adaptação quadrinística e lúdica do clássico do menino lobo

É inevitável estarmos no ano de 2018 e nunca termos ouvido sequer falar em Mowgli, o menino lobo. A história do menino que foi separado de seus pais por conta de um ataque de tigres à aldeia onde morava e foi criado na selva por uma família de lobos, pode não ter sido lida todos, mas, com certeza, ouvida, mesmo que superficialmente. O cinema, indubitavelmente, teve uma considerável parcela de responsabilidade na classificação de Mowgli como um clássico canônico, afinal, suas diversas versões cinematográficas, em destaque as quatro produzidas pela Walt Disney ² (1967, 1994, 2003 e 2016) tiveram extremo sucesso e boa recepção do público. Essa última ganha uma relevância especial por ter sido bombardeada de elogios pela crítica, que apontaram que a direção soube muito bem encontrar o ponto chave para agradar tanto as crianças que estavam conhecendo a obra agora, quanto os pais que as acompanhavam ao cinema para rever a obra e recordar a infância. O site especializado em crítica cinematográfica, observatório do cinema, na época do filme, escreveu um texto que em determinado momento afirmava:

Se narrativamente Mogli – O Menino Lobo não chega a ser extremamente conciso, o filme funciona em suas diversas propostas, desde sua moral da história, essencial em qualquer conto Disney até a sua jornada de aventura. Mogli – O Menino Lobo é acima de tudo uma aventura à moda antiga, em que as peripécias de seu protagonista é transmitida de maneira inocente e divertida, não há em momento

² <http://diario-cinefilo.blogspot.com/2010/08/lista-completa-de-filmes-da-disney.html> (leva em consideração apenas as três primeiras) e https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filmes_da_Disney (leva em consideração todas as versões citadas)

nenhum o peso do realismo, mas sim o tom aventureiro de um filme, é nesse tom quase nostálgico, que Mogli conquista seu público.³

Mowgli é uma personagem criada por Rudyard Kipling, mas que, ao contrário do que muitos pensam não é personagem título de nenhuma obra ou romance. Apesar de ser personagem de grande importância para o acervo literário mundial e, quiçá, a criação mais famosa e conhecida da carreira de Kipling, o menino lobo faz parte de uma obra maior, chamada *O livro da selva*⁴ (*The jungle book*, no original), publicada no final do século XIX pela editora MacMillan, mais especificamente 1894. Ao todo, o livro “selvagem” apresenta sete contos, sendo os três primeiros protagonizados por Mowgli. *O livro da selva* não se limitou apenas a uma edição. *O segundo livro da selva*, publicação também de Kipling, foi criado, divulgado e circulado em 1895, também pela editora MacMillan. *O segundo livro* contém a mesma divisão interna do primeiro: sete histórias, sendo as três primeiras giradas em torno de Mowgli e seus fieis amigos (o amigável e culto urso Baloo e a protetora e valente pantera Baghera) e inegociáveis inimigos (o amargurado e vingativo tigre Shere Khan e a astuta serpente Kaah). As ilustrações contam com os traços de John Lockwood Kipling (pai do autor) e Willian Henry Drake. Já no Brasil, a emblemática obra de Kipling teve sua primeira tradução escrita por Monteiro Lobato, em 1933, e produzida pela Companhia Editora Nacional⁵. Lobato, portanto, responsável pelas aventuras de inúmeros personagens que marcaram e até hoje marcam a vida de tantas crianças, como Emília, Pedrinho e Narizinho, também deixou o seu legado na construção de uma longa – tudo indica que infinita, uma vez que as adaptações para o cinema sempre estão deixando a obra em voga – ponte entre Mowgli e os leitores brasileiros.

Com a trama principal partindo de um conflito identitário interno, a bem-sucedida e cativante trajetória de Mowgli se equilibra e alterna-se entre aventuras selvagens e dramas familiares. Na mesma medida em que o garoto indiano se mostra um herói destemido e capaz de vencer todos os desafios impostos pela vida, inclusive o desafio mais temido de todo e qualquer ser que vive pelas redondezas do Jângal (floresta indiana), o tigre Shere Khan, ele deixa escapar, simultaneamente, o seu lado menino, repleto de fragilidade, insegurança e que ecoa inconstantemente o seguinte questionamento: quem

³ <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/2016/04/critica-mogli-o-menino-lobo>

⁴ “Grandes Clássicos Da Literatura em Quadrinhos”, da editora Del Prado, *O livro da selva* foi traduzido pelas mãos de Julia da Rosa Simões, adaptado e roteirizado por Djian e ilustrado e colorido por Tie Ka e Catherine Mareau, no ano de 2010.

⁵ Pesquisas consultadas na internet

sou eu? Um filhote de homem (expressão muito usada pelos animais da história para referir-se a ele) órfão ou, de fato, um filho de lobos? Apesar de desde muito pequeno conviver na alcateia, brincar pela floresta com os demais moradores e conhecer e praticar as leis que regem o Jângal, o fato de não possuir quatro patas é basilar para que, com o passar do tempo, a comunidade da floresta comece a se perguntar se será mesmo confiável permanecer com um humano no meio deles. Dessa maneira, com um enredo tão complexo, mas ao mesmo tempo tão acessível e humano (já que a sensação de tentar descobrir o seu lugar no mundo, provavelmente, deve atravessar todo ser humano, pelo menos em algum momento da vida), a saga de Mowgli tange o real nas suas entranhas mais íntimas e profundas. A sensibilidade e o compartilhamento com a auto indagação do menino é a engrenagem central da história.

Foi justamente por essa razão, que escolhemos tal obra para compor o nosso objeto de estudo nesse trabalho, e ainda mais, publicada como HQ. A coleção apresenta outros grandes clássicos do universo da literatura infanto juvenil, como *A ilha do tesouro*, *Robinson Crusóe* e *O Corcunda de Notre – Dame*, por exemplo. A escolha pelo estilo quadrinístico foi feita exatamente por acreditarmos no potencial e diferencial que a linguagem dos quadrinhos tem para oferecer a uma leitura, tornando-a mais encantadora e interativa, dialogando constantemente com o leitor – seja por meio de palavras, desenhos, ou dos dois juntos.

A seleção da obra, propriamente dita, por sua vez, dentre diversos fatores, foi feita pela sensibilidade do seu enredo, pois apesar de boa parte das personagens serem animais, todos carregam ideais e características profundamente humanas consigo, fazendo assim com que o leitor faça da floresta do Jângal a sua vida, e da busca de Mowgli pelo seu espaço na selva, a sua luta pessoal pela sua sobrevivência na vida. Dalvi (2013, p.68) afirma que “é necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes (também) ao ensino de literatura”, o que nos infere pensar o quão valoroso é capturarmos fatos inerentes à vivência dos alunos e utilizarmos isso como aliado no processo do ensino literário e da formação leitora do indivíduo. Logo, a mensagem de descobrir-se a si mesmo, diluída no *Livro da selva*, pode ser adotada como um excelente ponto temático para tecer e desenvolver uma rica leitura e um vasto debate textual em uma aula de literatura.

3. QUADRINHOS EM AÇÃO: EXECUTANDO O NOSSO PROJETO

3.1 Apresentação e descrição da aplicação do projeto de leitura:

Atrair e formar novos leitores. Esse sempre foi um incansável e frequente desafio na rotina dos professores de língua portuguesa. Com o passar dos anos, os professores, em específico os de literatura, foram criando e formulando novos métodos de ensino, e em meio a esses ajustes, o material literário nem sempre foi totalmente preservado, o que torna-se um entrave, uma vez que é algo primordial para a vida escolar e formação humana do ser, haja vista que sempre esteve inerente às experiências da vida humana – pelo menos desde a antiguidade clássica (Silva: 2013, p.52). Assim, cientes da relevância do hábito de leitura para a sociedade, fomos impulsionados, literariamente, a traçar estratégias que pudessem corroborar o professor de língua portuguesa (de forma mais específica o de literatura) na sua prática docente. Para concretizarmos tal propósito, elaboramos um projeto de leitura (em anexo) que objetiva abordar a leitura de clássicos a partir de uma perspectiva quadrinística, ou seja, sob uma óptica das histórias em quadrinhos. Desse modo, selecionamos a obra *O livro da selva* (Simões:2010) - já que se trata de um clássico literário e esse, segundo Ramos e Feba (2011) consegue sempre se renovar – que narra a história do menino lobo Mowgli, e por meio dela analisamos e observamos a recepção dos alunos ao lerem um clássico literário inserido numa versão em quadrinhos.

A sala na qual realizamos nossa pesquisa, é composta por trinta e três alunos, da faixa etária dentre onze e doze anos. Para realizarmos a nossa pesquisa utilizamos uma aula semanal (durante um mês), cada uma durando cinquenta minutos. Com o intuito de criar um ambiente que facilitasse a interação e o diálogo deles, entre eles mesmo, e deles

para com o professor, mediador da discussão, organizamos as cadeiras da sala em formato de círculo, para que assim, os discentes pudessem se comunicar melhor e até mesmo para que a leitura pudesse fluir de maneira mais dinâmica. A leitura, por sua vez, era realizada de uma forma que ocupavam apenas o papel de ouvintes, visto que não possuíam o livro, logo apenas ouviam a narrativa. A ausência do livro, por parte do alunado, contudo, tornou-se algo positivo para a nossa experiência literária, pois assim, a curiosidade deles para visualizar no livro o que estava sendo ouvido, e depois comparar tais imagens com as que tinham montado em suas ideias mentais (visualização) enquanto ouviam as falas das personagens, aumentava, o que acabava evidenciando, assim, a riqueza que as imagens fornecem para uma leitura.

Decidimos trabalhar com os quadrinhos por acreditarmos existir uma empatia maior dos “leitores mirins” por esse gênero discursivo. Corroborando nossa perspectiva, Ramos e Feba (2011), como já mencionado no capítulo anterior, apontam que o contato com o clássico na infância deve ser estabelecido de maneira atrativa e bem elaborada e ainda complementam o raciocínio afirmando que o contato com a linguagem visual permite uma certa autonomia ao “pequeno” leitor, já que esse não depende somente das palavras para entender o contexto do texto. Assim, elementos ilustrativos, imagens, bem como o versátil e veloz movimento das sequências ilustrativas, proporcionam uma leitura mais atrativa e interessante para o leitor. Nesse contexto, selecionamos uma turma de sétimo ano de uma escola da rede privada de João Pessoa, com a qual trabalhamos os questionamentos e ideais quadrinísticas durante quatro aulas consecutivas, as quais descreveremos no decorrer dessa seção. A fim de facilitar a aplicação de nosso projeto (em anexo) organizamos o cronograma da seguinte maneira:

Aula 01	Aplicação da enquete 01
Aula 02	Análise e discussão da obra <i>O livro da Selva</i>
Aula 03	Análise e discussão da obra <i>O livro da Selva</i>
Aula 04	Aplicação da enquete 02

Para atingirmos nossas conclusões em relação ao processo de formação de leitores – conclusões essas pautadas na atração que a literatura em quadrinhos desperta no leitor ainda em formação, tornando-se assim, ferramenta indispensável para esse processo – acerca da experiência de recepção dos alunos, utilizamos o sistema de enquetes, a fim de analisarmos melhor as opiniões dos alunos em relação ao gênero central de nossa pesquisa, as HQS. Nessa lógica, enxergamos a necessidade de reservar dois momentos do projeto para as enquetes, uma vez que o primeiro momento corresponderia a uma enquete que abarcava perguntas sobre o interesse dos alunos pelos quadrinhos de um modo geral; e o segundo trataria diretamente de questionamentos que avaliaram a recepção deles sobre o quadrinho do Mowgli, especificamente. Dessa maneira, direcionamos três perguntas em cada uma das enquetes. Na primeira, solicitamos que os alunos respondessem as seguintes questões:

- 1) *Qual o último quadrinho que você leu? (Caso não lembrasse do título, o aluno poderia apontar apenas o gênero: mangá, gibi, cartoon...)*
- 2) *O que mais chama a sua atenção no universo dos quadrinhos? (O aluno poderia citar mais de um elemento que chamasse a sua atenção nos quadrinhos).*
- 3) *Você considera os quadrinhos um livro? Por quê?*
- 4) *O que você achou da leitura em quadrinhos do Livro da Selva?*

Na segunda enquete, aplicada no final das nossas de leitura, exploramos questões que já enveredavam por uma outra óptica: a da recepção.

- 1) *O que a estória de Mowgli te ensinou de construtivo e importante?*
- 2) *Qual o diferencial de ter lido a obra em quadrinhos?*
- 3) *Você acha que a obra escrita em quadrinhos torna a estória mais legal de ser lida? Por quê?*

A partir das respostas, analisamos o nível de aceitação e recepção dos alunos para com o gênero selecionado por nós para desenvolver o trabalho de leitura de adaptação com eles, e verificamos o quanto que a literatura em quadrinhos faz parte do repertório de leitura da maioria deles. Desse modo, nos sentimos mais “à vontade” para darmos

início aos dois momentos posteriores, segundo o nosso cronograma: a leitura seguida de discussão sobre o que foi lido.

3.2 Análise da Pesquisa

Nesse ínterim, como já dito e esmiuçado acima, nosso projeto foi planejado e executado visando repensar e recriar novas maneiras de aproximar os leitores dos clássicos já existentes, mas muitas vezes menosprezados. Nesse raciocínio, é fato real e do conhecimento de boa parte da sociedade, a existência de diversos clássicos que são passados e repassados de gerações em gerações, até mesmo por meio da tradição oral – mas a leitura integral deles por parte dos leitores já não é algo tão perceptível assim. Não há mais por parte do professor de literatura – falando de uma forma generalizada – a preocupação em educar e instruir alunos que se interessem em ler e compreende livros, mas sim, alunos que absorvam das obras o suficiente e necessário para tirarem boas notas e serem aprovados no fim do ano.

Dentro dessa discussão, Rezende (2013, p. 109) afirma que “um dos jargões mais frequentes na escola é o de “formar leitores” “. Todavia, imediatamente, ela mesma contesta o que acabou de afirmar. “Ora, mas que leitor? Leitor que não lê literatura?”. Na perspectiva tradicional de formação do leitor, caberia ao ensino fundamental “despertar” o gosto literário, tendo em vista que o gosto pela literatura é algo que deve ter como tendência o crescimento e ao longo da formação educacional do indivíduo. No entanto, para tal construção ocorrer de forma eficaz, sólida e consistente, é necessário que o professor se utilize e se aproprie de ferramentas que lhe auxiliem de forma pertinente, cumprindo realmente o propósito de atrair a atenção de novos leitores, para que assim, eles possam ser não só simplesmente formados, mas formados com excelência e com preparo – dialogando e construindo o sentido do texto na medida em que ler esse. Dentre os distintos e diversos meios de articular um contato prazeroso entre aluno e leitura, existe a estratégia do saber escolher, ou seja, é válido que o professor tenha uma noção do repertório de leitura que tenha chance de cair no gosto dos seus alunos, afinal a escolha da obra é fator crucial e determinante para a formação do sujeito leitor (Rouxel 2014, p.23).

Imersos nesses questionamentos e indagações acerca de como contribuir e auxiliar na melhor formação leitora dos estudantes, optamos por realizar a experiência de leitura com os alunos por meio dos quadrinhos. A prova de tamanha boa recepção por parte do alunado foi o resultado de nossa primeira enquete, que apresentou resultados que apontavam e inferiam o gosto e aprovação dos alunos para com as histórias em quadrinhos. Na última pergunta, por exemplo, na qual questionamos se quadrinhos era considerado livro e o porquê, a grande maioria apontou as HQs como livros por enxergar uma narrativa nelas – com direito a todos os seus elementos: personagens, tempo, cenário e enredo –, mas com o diferencial de ser um livro “mais legal”. Tal resposta, portanto, corrobora a nossa proposição de que o uso de quadrinhos é uma estratégia adequada para uma aula de leitura.

No que tange à análise de nossa roda de leitura, propriamente dita, é válido ressaltar que a escolha da obra foi algo importante para o bem-sucedido andamento de nossa pesquisa. Apesar de ser uma obra que não era conhecida pela unanimidade dos alunos, Mowgli traz consigo um enredo notório de grande sensibilidade e discussões puramente humanas, o que cativou facilmente a atenção e empatia da classe. Contudo, o êxito da nossa experiência não foi concebido restritamente pelas emocionantes aventuras do menino lobo, mas, sobretudo, pelo estilo da adaptação que adotamos: a história em quadrinhos.

Consoante à Pina (2014, p. 215),

As traduções quadrinísticas de textos literários estabelecem com eles uma intertextualização que lhes dão visibilidade. Tais adaptações não se subordinam ao literário: interagem, dialogam com ele. Desse diálogo surge um novo texto, em uma linguagem particular

Em razão disso, é perceptível apontarmos e inferirmos a existência de uma intertextualidade entre o quadrinho e o clássico literário no qual ele foi baseado, o que significa uma verdadeira fortuna literária para um leitor em formação, uma vez que, concomitantemente ele estabelece o contato com a mesma obra sob perspectivas distintas, mas ambas com muito a contribuir em sua bagagem enquanto sujeito leitor.

Além desse diálogo comparativo – diálogo esse que consistiu em uma breve conversa sobre as possíveis distinções presentes em uma leitura do clássico “tradicional” e uma da adaptação para quadrinhos – entre dois modelos da mesma obra, o trabalho com os quadrinhos também acarreta um maior e visível interesse por parte dos alunos na leitura

(tanto no que se trata da obra adaptada quanto da original). Tal interesse surge motivado pela dinamicidade e fluidez que o formato dos quadrinhos proporciona ao enredo. A estória fica mais atrativa e bonita aos olhos de quem ler. Podemos comprovar tal afirmação, através da fala dos próprios alunos, tendo em vista que na enquete que realizamos com eles, uma das perguntas era o que mais chamava a atenção deles nos quadrinhos e boa parte das respostas apresentavam ideias como: “porque a leitura é mais prazerosa”, “porque os desenhos chamam minha atenção”, “os desenhos misturados com as palavras não cansam tanto e deixam o livro mais legal”. Ou seja, a partir de tais respostas, é possível concluirmos que as obras quadrinísticas despertam o interesse e simpatia por parte dos leitores justamente por apresentarem uma estrutura peculiar e atípica. O fato da obra sair do “padrão tradicional” de livro gera no seu leitor uma impressão singular, trazendo assim uma fluidez no processo de leitura. A mescla entre palavra e imagem, por exemplo, são de vasta eficácia no que concerne à atenção e interesse dos alunos. Nesse plano de ideias, Saraiva (2006, p.29) afirma que “a reflexão centra-se, inicialmente, no texto literário, cujos traços peculiares dele fazem um ato de linguagem singular para, a seguir, tratar de seu processo da leitura”, isto é, o texto literário em si é formado não só de leitura, mas sobretudo de linguagem e da observação desta, para que assim, aquela possa surgir e gerar uma fluidez ao trabalho literário do professor.

Nesse contexto, o leitor torna-se familiarizado e à vontade com a obra, uma vez que ela contempla elementos que colaboram para a boa aparência do texto. De maneira associada a essa discussão, Ramos (2005, p.65) menciona que “os quadrinhos são, sem dúvida, um riquíssimo material de apoio didático. Sendo bem trabalhados, propõem aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa”. Tal afirmação corrobora nossa linha de pensamento de que as obras quadrinísticas são sim bons suportes para que as aulas de literatura possam ter o seu sentido cumprido e efetivo, uma vez que tal sentido pauta-se na premissa de formar (ou pelo menos colaborar nessa formação) leitores, conforme Rezende (2013) já bem afirmou. O uso dos quadrinhos, portanto, torna-se aliado dos professores de literatura nesta “luta literária”, na medida em que, por meio da linguagem mista e do incessante diálogo que há entre elas duas (a verbal e não verbal) a leitura torna-se diferenciada e prazerosa.

Dentro desse critério das linguagens, existem alguns pontos determinantes e de grande valia para a nossa pesquisa, por isso também deve ser agregado à nossa discussão.

Referimo-nos ao peculiar contato simultâneo entre imagem e palavras que as histórias em quadrinhos apresentam como elemento fixo, tradicional e basilar da sua estrutura. Existe um famoso e antigo dito popular que propaga a ideia de que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, no caso das histórias em quadrinhos, é possível dizermos que uma imagem vale tanto quanto mil palavras, tendo em vista que as duas mantêm uma relação totalmente equilibrada proporcional, pois o sentido de uma é atribuído, ou completado, pela outra. Essa característica das HQs é peça chave na boa recepção que crianças, jovens (e até mesmo adultos, porque não?) nutrem por ela, pois permite um trabalho maior por parte do imaginário, uma vez que é necessário assimilarmos o que aquelas palavras têm a ver com aquela imagem que está logo ao seu lado, ou quais palavras determinados símbolos representam.

Na prática literária que realizamos, por exemplo, os alunos, antes da leitura, já mostraram forte interesse, justamente por saberem que se tratava da leitura de um clássico em quadrinhos, o que para eles, segundo a enquete que realizamos, é sinônimo de diversão, visto que é uma leitura que “foge” do padrão normal. Esse desafio literário de articular imagens com falas é algo instigante e motivador para o leitor ainda em fase de amadurecimento e formação literária, pois o incita e induz a querer decifrar os “códigos” que lhes são apresentados. Nesse viés, Iser (1985, apud ROUXEL, 2013, p.260) afirmou que “a leitura só se torna prazer se a criatividade entra em jogo, se o texto nos oferece uma chance de pôr nossas aptidões à prova”. Embasados nessa afirmação e no resultado das enquetes que aplicamos em sala, podemos dizer que sim, a leitura de uma obra em quadrinhos torna o ato de ler bem mais instigante, pois faz o leitor sentir-se útil, interpretando e associando o tempo todo imagens e palavras. Ramos e Feba (2011, p.221) mencionam que durante a leitura dos quadrinhos “o leitor precisa articular palavra, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, entre outros elementos que contribuem significativamente para a independência do leitor”, o que sintetiza bem o pensamento de que as HQs servem sim como um canal lúdico, inteligente e atrativo de leitura.

Nesse sentido, à medida em que o leitor se vê envolvido pelo livro o qual está sendo lido, a sua leitura fica mais atenta e produtiva. Rouxel (2013) diz que

o entretenimento e a compreensão e a interpretação do texto esperados em classe resultam de uma negociação que se espera suficientemente liberal, capaz de admitir variações que não

alterem o núcleo semântico do texto, de modo a deixar aberta a polissemia

Todos esses fatores: o entretenimento, a compreensão e a interpretação são bem desenvolvidos quando existe um bom trabalho do professor por trás dele. Inclusive, ainda em Rouxel (2013) vemos a ideia de que “o professor é um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros, que leitura do texto poderá ser elaborada na aula”. Isto é, para existir um bom trabalho de leitura em sala de aula, é necessário observação e uma cautelosa análise da sala (de modo generalizado) por parte do professor.

Por isso, realizamos, primeiramente, uma enquete sobre os quadrinhos para podermos, de fato desenvolvermos um projeto de leitura com tal gênero, mas mesmo assim, ainda antes da enquete, já tínhamos observado em outros momentos (conversas paralelas, por exemplo) o interesse da turma pelo estilo textual em questão. Todo esse procedimento indica que é necessária a observação por parte do professor antes de optar e decidir seguir determinada metodologia de prática de leitura. O fruto de nossa análise e assertiva escolha foi a participação e envolvimento de todos durante a prática de leitura. Os alunos não só queriam ver as imagens referentes a cada fala lida pelo professor, como também queriam dar vozes aos personagens, sendo também enunciadores e não se limitando somente a interlocutores no processo de leitura. Para que tal interesse ficasse ainda mais a florado, toda a roda de leitura foi conduzida de maneira temática, tendo como plano de fundo a ideia da auto identidade. Pelo fato de Mowgli ser uma personagem que traz como dilema central questionamentos de quem ele é e a qual natureza ele pertence, optamos por fazer um gancho com a vida pessoal dos alunos, levando-os a se colocarem no lugar do menino lobo e a refletirem na seguinte ideia: vocês têm certeza de quem são?

Estabelecendo esse mote como ponto de partida principal de nossa leitura e debate literário, adentramos em algumas questões secundárias como família e satisfação com o seu próprio eu. Dentro desse mesmo ideal Rouxel (2013) posiciona-se dizendo que dentro do fenômeno de leitura literária “o leitor se expõe ao ler, se desapropria de si mesmo para se confrontar com a alteridade e descobrir, a alteridade que está nele”. Foi justamente esse confronto que buscamos provocar. Um confronto interior, para que, por meio de uma “mera leitura de um clássico”, eles (os alunos) pudessem descobrir que lendo ficção é possível estar mais próximo da realidade do que eles imaginam, pois, a reflexão sobre valores e questões sociais, em muito, acrescenta na formação humana e cidadã do indivíduo. Além disso, a temática em questão é bastante o bastante para despertar no

leitor o desejo de se tornar um leitor ativo e participante do processo de construção do sentido textual, visto que, conforme afirmam Bordini e Aguiar (1998), a obra é resultado não só da criação, como também da recepção, isto é, o modo como o aluno ler e recebe o texto é tão válido quanto a forma como o autor o escreve.

Ramos e Feba (2011, p. 221) dissertam que

os clássicos “preparam” o indivíduo para viver emoções e não esgota a possibilidade de ser relido (...) conseguem ser eternos e novos ao mesmo tempo e, se lidos na infância, conferem além de um prazer singular, uma possibilidade de conhecimento das inquietações humanas e a introdução num universo simbólico

Assim, podemos verificar que a leitura de clássicos, ainda no início da formação leitora do aluno, é de suma importância para a meditação desse em diversos questionamentos que cercam a existência humana. Por essa razão, selecionamos um clássico para a nossa pesquisa, pois ele tem como característica inerente uma “imortalidade literária”, haja vista que sempre há resquícios dos clássicos na mente das pessoas, sejam elas leitoras vorazes ou não. Desse modo, ao trabalharmos em sala a leitura de um clássico adaptado, a recepção dos alunos por parte da obra é facilitada, uma vez que a grande maioria já conhece pelo menos o mínimo sobre a obra, só que a partir de outros ângulos e perspectivas. Como foi dito acima, eles conseguem ser eternos e novos ao mesmo tempo, já que se renovam a cada nova versão a qual são expostos e, portanto, “sempre têm algo a dizer a seus leitores, independentemente da época qual foram escritos”, além disso, “exercem uma influência particular na medida em que eles podem se tornar **inesquecíveis** para quem os lê” (Ramos e Feba 2011, p. 221, grifos nossos).

É exatamente por se tornar inesquecível que o clássico é sempre uma boa opção de leitura, assim como foi para nossa pesquisa. Apropriamo-nos do caráter influenciador dele e buscamos extrair discussões e debates produtivos e válidos para nossa roda de leitura, os quais giraram em torno de questões ligadas à formação identitária do ser humano. Sobre esse aspecto, ainda, Oliveira (2014, p.41) acrescenta, afirmando que “esses textos (os clássicos) integram um acervo de conhecimento popular e universal, atravessando épocas e vindo até os nossos dias”. Ou seja, sempre é possível encontrarmos valores e ensinamentos diluídos nos clássicos – mesmo nas adaptações desses, que foi, afinal, de nossa pesquisa – e nunca é tarde para extraí-los e explorá-los, sobretudo no que diz respeito a uma aula de literatura. Dentro desse íterim, Oliveira ainda completa sua

fala dizendo que tal fenômeno – a integração de conhecimento popular e universal por parte dos clássicos – “permite o reconhecimento quase que imediato do leitor/receptor, tornando assim o diálogo entre obras mais efetivo, aspecto este, como apontado anteriormente, altamente relevante”. Desse modo, a fim de constataremos o efeito de nossa atividade – que se pauta justamente nesse diálogo entre leitor e adaptação de um clássico – realizamos o que nomeamos como enquête 02, que foi composta por quatro perguntas, já mencionadas acima e aqui retomadas:

- 1) *O que você achou da leitura em quadrinhos do Livro da Selva?*
- 2) *O que a estória de Mowgli te ensinou de construtivo e importante?*
- 3) *Qual o diferencial de ter lido a obra em quadrinhos?*
- 4) *Você acha que a obra escrita em quadrinhos torna a estória mais legal de ser lida? Por quê?*

Direcionados por essas indagações, os estudantes escreveram, de maneira acentuadamente sintética, suas impressões sobre a leitura de um clássico nos moldes dos quadrinhos, dentre essas, podemos destacar como respostas frequentes: “os quadrinhos são bem mais interessantes”, “eles são mais divertidos”, “é uma leitura diferenciada, pois seus desenhos chamam a atenção”, “os quadrinhos passam emoção”, “os quadrinhos expressam melhor o sentimento das personagens”. Tais respostas nos mostram a confirmação que desenvolvemos acima, haja vista que a estrutura atípica dos quadrinhos – se comparada aos outros modelos de livros – traz consigo elementos inovadores e lúdicos, remetendo assim ao texto quadrinístico uma “personalidade” única e inconfundível, e mais do que isso, estabelecendo entre ele e o aluno um vínculo positivo de leitura, no qual o aluno sinte-se atraído e motivado para efetuar a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura, portanto, é um trabalho desafiador, uma vez que o professor tem como uma de suas principais missões, construir e formar novos leitores. Nesse contexto, nossa pesquisa teve como ponto de partida basilar a problemática do trabalho do professor de literatura com a leitura dentro de sala de aula. Rouxel (2013) afirma que é necessário que o professor se aproprie de técnicas e estratégias que explorem do aluno aspectos lúdicos e criativos, porém, o acúmulo de atividades e a cansativa rotina diária que a vida docente exige, acaba por muitas vezes se tornar um empecilho para que o professor elabore, planeje e execute atividades que visem a uma maior fluidez literária.

Impulsionados por tal problemática, passamos a questionar maneiras existentes e eficazes para formar leitores interessados no que estivesse lendo; assim, vimos nas histórias em quadrinhos um gênero textual que abrange esses pré-requisitos, tendo em vista que seu formato e estrutura atípicos servem como elementos atrativos para o leitor – sobretudo ao leitor criança/adolescente, que tem a tendência de achar a leitura uma prática entediante e sonolenta. Desse modo, decidimos, através dessa pesquisa, observar e analisar como os leitores em formação (alunos) reagem após uma leitura quadrinística.

Quais os efeitos que a leitura de uma obra em quadrinhos pode gerar em uma sala de aula? E de que maneira tais efeitos contribuem para a formação de um leitor? Essas indagações serviram como alicerce principal para toda nossa discussão no presente trabalho e nortearam a escrita de cada um dos capítulos apresentados. Contudo, apesar de ser conduzido por tal questionamento, cada capítulo também foi regido por objetivos secundários que, de maneira bem mais específica, se propuseram a dar ênfase para discussões bem determinadas por cada capítulo, mas que, no fim, se articularam e dialogaram concomitantemente, almejando responder a principal problemática de nossa pesquisa.

Como primeiro objetivo específico, selecionamos a observação do trabalho com adaptações de clássicos na sala de aula. Segundo discussões propostas por Rezende (2013), Faleiros (2013) e Roxel (2013), o ensino literário vem tendo o seu sentido e execução deturpados com frequência cada vez maior, o que acabou por despertar em nós a inquietação para rever esse “equivoco didático”. O trabalho de leitura, ao invés de ser realizado de maneira atenciosa, é, em boa parte dos casos, aplicado de forma superficial, sem que exista uma interação próxima e concreta entre alunos, texto e professores. Tal déficit na leitura acaba por resultar um desinteresse na formação leitora do aluno que precisa, de algum modo, ter essa necessidade humana suprida, pois, assim como vimos em *Cândido* (1989), a literatura também é um direito da sociedade e seu acesso deve ser facilitado e propagado ao máximo. Nesse ínterim, enxergamos nos clássicos uma estratégia de formação leitora, na medida em que, de acordo com Ramos e Feba (2011), eles são sempre renovados, ou seja, nunca envelhecem e nem são tardios para serem trabalhados. Por ser clássicos, eles, de alguma forma, sempre estarão na lembrança do indivíduo, tornando assim o processo de leitura mais fácil de ser realizado. Trabalhando com *Mowgli*, por exemplo, verificamos o quanto o fato da obra já ser conhecida pelos alunos tem suma valia para o maior interesse deles em estudá-la, pois trata-se de uma obra que já é de seu conhecimento – só que está sendo apresentada de forma adaptada, sendo, ao mesmo tempo que uma obra já conhecida, uma obra diferente.

Nosso segundo capítulo, por sua vez, objetivou compreender a importância que as HQs conquistaram dentro do cenário literário mundial e brasileiro, uma vez que não selecionamos qualquer adaptação para ser lida em sala de aula, mas sim, uma adaptação em HQs. Fundamentados nos ideais e pesquisas de Chinen, Vergueiro e Ramos (2014), Pina (2014) e Guimarães (2003), verificamos que as histórias em quadrinhos, apesar de

já terem passado por momentos difíceis, como de censura e proibição, traçaram um percurso de lutas e conquistas, do qual hoje, os seus percussores e participantes do seu progresso, podem se orgulhar. Por essa razão, sugerimos como atividade de prática de leitura literária, o trabalho direto com adaptações literárias para os quadrinhos, que são famosos por serem vistos com bons olhos pelo público infantil e juvenil. “sub livro” que era lido às escondidas pelos jovens leitores à uma modalidade literária bastante difundida, propagada e, principalmente, consumida e estudada. Levando em consideração a ascensão do “sub livro” que era lido às escondidas pelos jovens leitores e se transformou em uma modalidade literária bastante difundida, propagada, consumida e, sobretudo, estudada, sugerimos como atividade de prática de leitura literária a adaptação do *clássico O Livro da Selva (2010)*, almejando que esse, sendo um clássico, auxiliasse o professor a contribuir de forma mais ativa a atuante no preparo de jovens leitores. Através da alternância das linguagens e das próprias interpretações visuais, os quadrinhos solicitam do leitor uma observação mais cautelosa no decorrer de sua leitura, o que estabeleceu bons resultados de pesquisa, pois os alunos podiam visualizar aquilo que estavam lendo/ouvindo, deixando assim, em pleno funcionamento, o seu imaginário. Além disso, a enquete que realizamos com eles, posteriormente ao círculo de leitura, apresentou ideias como “divertido” ou “mais legal” como respostas na pergunta que fizemos sobre o que acharam da leitura do *Livro da Selva* em quadrinho. Assim, evidencia-se a importância que as HQs alicerçaram em meio ao seu trajeto nas entrelinhas da literatura.

Estudando, dessa forma, as adaptações e os quadrinhos – respectivamente no primeiro e no segundo capítulo – unimos os dois no nosso capítulo 03, com o intuito de analisarmos como se dá uma oficina de leitura em sala de aula, tendo como material principal a adaptação quadrinística de clássicos. Segabinazi (2015) discute o sumiço das aulas de literatura nas escolas, evidenciando uma brusca e hábil mudança de postura por parte do professor de língua portuguesa, para que assim, a literatura possa vir a ressurgir. Percebemos, então, que é necessário que o professor se reinvente e recomponha didaticamente e literariamente para efetivar tal propósito. Com a abordagem dos quadrinhos, os alunos não sentem-se tão cansados durante a leitura, pois o seu visual diferenciado proporciona um ritmo e um dinamismo peculiar para a narrativa, além de ser um livro que foge do convencional que eles estão acostumados a lerem na escola – quebrando assim a rotina escolar. Nesse viés, ficou perceptível que, conforme afirmam Bordini e Aguiar (1988), a leitura delimita o encontro entre leitor e autor, e é exatamente

a partir desse encontro que buscamos resultados em nossa pesquisa; resultados no que tange a uma maior participação e interação dos alunos entre si, posteriormente ao momento de leitura. A leitura coletiva possibilitou um contato maior não só no coletivo, mas também individualmente, já que a discussão literária enveredou por questões e reflexões inerentes a construção identitária humana, o que corrobora, de certa maneira, que a literatura é a disciplina que fala sobre os homens, a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de; **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1988.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (org). **Direitos humanos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989
- DALVI, Maria Amelia. Literatura na escola Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M.A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013
- GUIMARÃES, Edgard. **Integração texto/imagem na História em Quadrinhos**. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003
- NOBU, Chinen; VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Literatura em quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (orgs). **Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2014
- OLIVEIRA, Cristina. Quadrinhos, literatura e o jogo intertextual. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (orgs). **Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2014

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (orgs). **Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2014

RAMOS, Flavia Brocebetto; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. Leitura de histórias em quadrinhos na sala de aula. In: JUNQUEIRA, Renata; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura literária na escola. Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2011.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M.A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (orgs) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M.A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (orgs) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013

SARAIVA, Juracy Asmann. Por que e como ler os textos literários. In: SARAIVA, Juracy Asmann; MUGGE, Ernani (orgs) **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**

SEGABINAZI, Daniela. Literatura nas aulas de língua portuguesa? Onde está o texto literário no ensino fundamental e médio? In: FRANCELINO, Pedro Farias; SEGABINAZI, Daniela Maria (orgs). **Língua literatura e ensino concepções diálogos e convergências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SILVA, Márcia Cabral da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, M.A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (orgs) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, M.A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (orgs) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. C. Meira. São Paulo: Difel, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Literatura em quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (orgs). **Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2014

VERGUEIRO, Waldomiro. **As HQS e a escola**, 2018. Disponível em: <http://ava.fdr.org.br/course/view.php?id=56>. Acesso em: 12/04/2018

APÊNDICE

Projeto de Leitura

Quadrinizando a leitura: uma experiência literária através da HQs

Apresentação:

A formação do sujeito leitor é um processo importante na vida de todo e qualquer indivíduo. Descobrir novos personagens, adentrar em mundos até então desconhecidos, ser transferido para outras épocas e períodos da história são oportunidades que apenas e somente a leitura é capaz de nos proporcionar. Apesar de oferecer um mundo de coisas e chances boas, essa “viagem literária” nomeada leitura, vem sendo cada vez mais limitada dentro de sala de aula, pois os alunos passaram a se acostumar a ler apenas resumos de obras ou se habituaram a conhecer de maneira superficial as características dos principais personagens. A preocupação em aprender o suficiente para tirar um sete na prova tornou-se bem superior à curiosidade de adentrar em novos mundos e se surpreender com aventuras novas e emoções inéditas. Faleiros (2013) afirmará que o ensino literário vive

uma possível crise, no que diz respeito ao como lecionar, logo verificar modelos de ensino que possam corroborar o trabalho com a literatura em sala de aula, a fim de refletir esse contato do aluno com o livro para fora e além das instituições escolares.

Nesse sentido, podemos observar que a leitura não representa apenas uma atividade que deve ser feita na escola e ficar apenas lá. Pelo contrário, o ato de ler deve ser espalhado, disseminado e diluído por todos os âmbitos da vida do sujeito. Segundo Saraiva (2006:p.30), “a noção de texto literário, compreendido como universo ficcional que, entretanto, traduz dimensões sociais, históricas e culturais, se complementa com o reconhecimento de que ele é, essencialmente, um fenômeno de linguagem.” Ou seja, o texto significa muito mais do que um amontoado de palavras, ele simboliza a significação viva do cruzamento dos ideais do leitor com o autor, e de ambos com a materialidade do texto propriamente dita. Nessa lógica, Aguiar e Bordini (1988:81) afirmam que “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada”, dessa maneira fica evidente para nós que a relevância que a leitura tem para as nossas vidas se dá não somente por ampliar o nosso vocabulário ou por auxiliar e refletir em uma melhor escrita, mas, sobretudo, por interferir diariamente no nosso íntimo, resgatando e dialogando com experiências passadas, presentes, e quiçá, com as que ainda estão por vir.

Partindo do princípio da importância da leitura para a vida do indivíduo, objetivamos trabalhar com alunos de sétimo ano o hábito da leitura, de maneira atrativa para eles e que vá bem além de um mero processo de decodificação. Para que tal interesse seja real, por parte dos alunos, nos pautaremos na estratégia da abordagem de quadrinhos, uma vez que esse é um gênero muito bem visto e recebido pelo público infante juvenil, com alta probabilidade de ser bem visto, recebido e, principalmente, bem lido pelos alunos. A obra utilizada será *O livro da Selva*, de Rudyard Kipling, e ela será debatida com os alunos por volta de um mês (quatro aulas). A versão abordada em sala será uma adaptação em quadrinhos, organizada pela editora DelPrado (2010), na qual exploraremos recursos como a linguagem não verbal, a onomatopeia, a relação entre as linguagens e o aspecto social da literatura.

Justificativa:

Preocupados e intrigados com o andamento da situação literária nas escolas, pensamos e repensamos, até de fato decidirmos, elaborar o projeto “*Dos quadrinhos para*

o quadro: um estudo da literatura em quadrinhos através do método recepcional” que busca resgatar, por meio de histórias adaptadas para a versão em quadrinhos, o gosto e o interesse dos alunos pela leitura. A literatura em quadrinhos permite uma fluidez melhor no processo de leitura e dá um ritmo mais leve no que diz respeito à decodificação do texto em si. O uso de onomatopeias como “ploc, pluft, toc toc, shiu, ahhrhg” apresenta ao texto um aspecto diferenciado, tornando-se assim um atrativo e um ponto positivo para a leitura desse estilo de obras. Ramos e Feba (2011:p.216) afirmam que a “leitura de história em quadrinhos exige tanto a interação entre as duas linguagens (verbal e não verbal) como também a apreensão de cada quadro em particular e, ainda, o conjunto de quadrinhos para, de fato, haver entendimento.” Nesse ínterim, toda a vertente lúdica entra em cena no que diz respeito ao trabalho direto com o mundo dos quadrinhos, e acaba por torná-lo um agente aliado no ensino literário, pois reformula e repagina uma história boa, mas que, de repente, nunca tivesse ganho um olhar mais especial por parte dos alunos por não apresentar “exteriormente” nada que parecesse ser importante. Infelizmente, na maioria das vezes o dito popular “não julgue o livro pela capa” não é escutado e nem cumprido e as pessoas leem apenas o que lhes aparenta ser válido. No caso dos quadrinhos, a sua estrutura atípica, por si só, desperta essa impressão de algo inovador e capaz de merecer um voto de confiança por parte do leitor.

Todorov (2009) disserta sobre o perigo que a literatura vem correndo. Tal alerta está articulada justamente às práticas de ensino e de recepção da literatura, bem como, das obras literárias. Em detrimento do ensino prioritário de regras gramaticais, a literatura desapareceu do plano de aula de boa parte dos professores de língua portuguesa, e esse sumiço, de maneira evidente e intensa, passou a refletir na formação de leitores de nossa sociedade. A ausência da leitura, além de prejudicar o desenvolvimento do indivíduo enquanto aluno, interfere negativamente a sua construção enquanto sujeito, pois ao ler, nós entramos em contato com o mundo exterior – por meio de ideias e convicções interiores. Se a leitura na escola, trabalhada de forma certa, impulsiona a extensão desse hábito para as demais esferas da vida, é válido dizermos que quem lê bem na escola, lê em qualquer lugar, assim a afirmação de Rezende (2013:108) corrobora nossa discussão, ao dizer que “a leitura “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores”. Eis aí, portanto, a tamanha preocupação e importância de um trabalho

consolidado com a leitura na sala de aula, pois ela perpassará pelo sujeito como um todo, interagindo, e por que não dizer, fazendo parte, da essência do seu eu.

Metodologia:

Nosso projeto atuará cerca de quatro aulas consecutivas e, ao longo de cada uma delas, buscaremos estabelecer entre o leitor e a obra uma maior proximidade. Para alcançar tal efeito nos apropriaremos do método recepcional, que pauta-se na Teoria da Estética da Recepção. Tal teoria apresenta uma visão que contempla a tríade autor – texto – leitor, defendendo assim, a ideia de que uma obra deve ser compreendida não apenas pelas razões que impulsionaram e participaram de sua produção, mas também dos elementos que rodeiam o processo de recepção de sua leitura. O projeto será executado durante quatro aulas e por isso, o dividimos em quatro partes: enquete 01, leitura e discussão literária, leitura e discussão literária e enquete 02. Sob essa perspectiva, Bordini e Aguiar (1988) propõem cinco passos para se concretizar uma atividade norteada pelo viés recepcional e são na direção deles que os nossos pés trilharão durante a construção desse projeto.

I – *Determinação do Horizonte de Expectativa* – O horizonte de expectativas corresponde ao conjunto de ideologias e práticas que o indivíduo ou determinado grupo possui. Essa etapa, portanto, diz respeito ao uso de estratégias – por parte do professor – para descobrir qual o horizonte de expectativas dos seus alunos, para que assim, possa abordar na aula um tema do interesse e do convívio de todas – ou ao menos da grande maioria. Contextualizando o nosso projeto de leitura, a determinação do horizonte dos alunos será concretizada a partir de uma pesquisa realizada por mim (professor) através de uma entrevista escrita (enquete), para extrair deles respostas que nos mostrem qual a aproximação deles com os quadrinhos. Para atingirmos esse objetivo, lançaremos aos estudantes questionamentos como: qual a última história em quadrinhos foi lida por ele (o aluno); qual elemento na história em quadrinhos mais chama a sua atenção; se eles consideram os quadrinhos livro e o porquê. Tais indagações, feitas de forma individual e respondidas anonimamente, isto é, não é necessário que o aluno se identifique, poderão nos auxiliar nessa etapa basilar de fundamentação e organização de atividade, pois obtendo consciência de quais são os tópicos que despertam a atenção do aluno dentro da

história dos quadrinhos, aumenta-se a facilidade de saber qual aspecto exato e específico, dentro dos quadrinhos, deve ser explorado com a turma.

II – *Atendimento do Horizonte de Expectativa* – Essa fase do atendimento está associada ao início da execução, de fato, do trabalho do professor com a classe. Após a conclusão e o resultado da pesquisa – no nosso caso, efetuada por meio de entrevista escrita (uma enquete) – feita com os alunos, precisamos apresentar com maiores detalhes para a turma o gênero quadrinhos, já que ele foi o elemento protagonista de nossa pesquisa. A ideia é levar diversos gibis (conhecidos ou não) e identificar, juntamente com os alunos, os pontos fortes dos quadrinhos – apontados pela própria turma na entrevista realizada na etapa anterior. Esse segundo momento da sequência é de extrema e válida importância, pois trata-se da aproximação real do alunado com o que eles demonstraram ter interesse e vontade de aprender e interagir - aqui, o fantástico mundo dos quadrinhos.

III – *Ruptura do Horizonte de Expectativa* – A formulação de uma linha de raciocínio que sirva como fio condutor para as nossas aulas precisa ser consolidada de uma maneira que atraia e mantenha a atenção da turma, para isso, são necessárias estratégias que abranjam o assunto programado através de métodos que fujam não só do tradicional, mas também do senso comum dos alunos, isto é, da obviedade que eles esperam. O conteúdo deve ser planejado e explanado de maneira surpreendente, pois à medida que o estudante não se sente desafiado e/ou estimulado (e a novidade no como ver o conteúdo contribui bastante para tal estímulo), a progressão do seu desempenho tem grandes chances de ser prejudicada. Dessa maneira, no que concerne ao nosso projeto, podemos afirmar que a ruptura se dará não no uso dos quadrinhos em si, mas sim em como usá-los. Levando em consideração que visamos trabalhar com os alunos a adaptação em quadrinhos de um clássico da literatura Infante – Juvenil, *O Livro da Selva*, levaremos para a classe alguns clássicos da literatura infantil e juvenil, dentre eles, o nosso objeto de estudo principal. Ao deixarmos os livros a mostra, os perguntaremos quais daquelas obras eles teriam vontade de ler em formato de quadrinhos, contemplando assim as imagens com a reação de cada personagem, simultânea a cada fala, efetivando assim o caráter de linguagem verbal e não verbal predominante nas histórias em quadrinhos. Imaginaremos a versão de cada um, mas daremos um destaque especial a que alude diretamente ao clássico que ganhou não só inúmeros leitores, mas que conquistou diversos telespectadores através das várias adaptações cinematográficas. Levaremos conosco, mas sem tê-los apresentado explicitamente aos alunos, a versão quadrinística do

Livro da Selva. Pediremos para eles imaginarem caricaturas e ilustrações distintas das que a Disney, supostamente, fixou na mente de cada um, para que assim, possamos, de alguma forma, já adentrá-los e instigá-los ao universo dos balões, provocando-os a imaginar como seria a renovação e repaginação de um clássico que marcou tantas gerações. Logo em seguida, organizaremos uma roda de leitura e, juntos, leremos a obra, podendo, inclusive, selecionar alguns alunos para representar e interpretar os personagens, fornecendo assim um maior dinamismo para a oficina.

IV – *Questionamento do Horizonte de Expectativas* – Essa etapa apresenta uma proposta de indagar os alunos e proporcioná-los um momento de reflexão sobre os três momentos acontecidos até então, fazendo assim com que o aluno pense e amadureça tudo o que lhe foi ensinado até o momento. Para que isso ocorra da forma mais aprazível possível, pensamos em estabelecer um vínculo direto entre a obra adaptada para os quadrinhos e a versão cinematográfica mais conhecida (o desenho da Disney). Tal relação seria promovida após o momento da roda de leitura, da seguinte maneira: solicitaremos que os alunos tentem identificar as principais diferenças na obra vista em sala e na das telinhas – essas distinções podem incluir personalidade de personagens e fidelidade a sequência de cenas e de roteiro, por exemplo. Essa atividade serve para que a turma exercite sua capacidade de observação e seu raciocínio, pois, ao realizar uma análise literária comparativa, o aluno acaba por treinar e desempenhar funções inerentes e essenciais ao indivíduo, como por exemplo, a interpretação.

V – *A Ampliação do Horizonte de Expectativas dos Alunos* – A fase de ampliação é a última e traz consigo uma espécie de revisão de todo o processo até aqui construído e efetivado, a fim de verificar que todo exercício até aqui realizado corroborou a formação pessoal e intelectual do aluno e, de alguma forma, auxiliou o seu progresso enquanto estudante e ser humano, tecendo e aprimorando seus posicionamentos, ideologias e visões de mundo. Para alcançarmos esse objetivo, dividiremos os alunos em dupla e pediremos que cada um escolha um filme (de preferência do gênero infantil e juvenil) e pediremos que cada dupla elabore uma mini história em quadrinhos desse filme – com base no recorte de algumas cenas, por exemplo – explorando e extraindo recursos que, ao longo de nossa leitura, destacamos e que são características do gênero em questão, como onomatopeia, por exemplo. Assim, essa atividade iria fortalecer os hábitos interpretativos dos alunos, treinando assim as suas inferências e ampliando o seu imaginário (já que eles

teriam que adaptar um gênero literário para outro) ao mesmo tempo em que reforçaria e revisaria as principais marcas dos quadrinhos – seja estrutural ou lexical.

Objetivos Gerais:

Desenvolver o hábito e o interesse dos alunos pela leitura, por meio das adaptações em quadrinhos.

Objetivos Específicos:

- Analisar a fluidez que uma adaptação em quadrinhos proporciona à leitura
- Proporcionar ao aluno o contato com a linguagem verbal e não verbal, simultaneamente.
- Aprimorar e ampliar o olhar de leitor dos alunos, tirando-os do papel exclusivo de decodificadores e tornando-os leitores ativos, que dialoguem diretamente com o texto.

Abordar temáticas que contemplem discussões sociais e subjetivas que, de alguma maneira, auxiliem no crescimento pessoal do indivíduo.

Fundamentação teórica:

Nosso projeto pauta-se nos ideais da Teoria da Estética da Recepção, desenvolvido pelos teóricos Jauss e Iser, que defende a premissa de que o leitor é o papel de maior destaque durante o ato da leitura. Segundo Tragino (2013), esse movimento “construiu caminhos teóricos para se entender a leitura do texto literário”. A leitura é formada, acima de tudo, pelo leitor, pois é ele quem dá sentido à prática de ler, e é exatamente por representar um elemento tão importante para a concretização da leitura, que precisamos nos preocupar como os leitores em formação (os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental) estão lendo, de que maneira está sendo construído o trabalho com o texto literário em sala de aula e como esse texto tem chegado para os alunos. Selecionamos como embasamento teórico o método recepcional, por nele haver “o fenômeno de substituição” do paradigma *autor* em função do paradigma *leitor* (Tragino 2013:27).

Além do mais, também é válido salientar que diversos estudos sobre o trabalho direto com o letramento literário em sala de aula também serviram como fio condutor de nossa pesquisa. As contribuições de Rezende (2013), por exemplo, foram de grande valia para o desenvolvimento de nossa pesquisa, sobretudo, no que diz respeito ao ensino de literatura em si e sobre as reflexões de como ele tem sido posto em prática. Por exemplo, em seu artigo *O ensino de literatura e a leitura literária*, ela inicia a discussão proposta com uma indagação: “o que se ensina quando se ensina literatura?”. A partir dessa provocação inicial já temos um mote e tanto para gerar questionamentos e reflexões em torno da discussão que aqui traçamos. Rouxel (2013), a partir de uma perspectiva metodológica, também muito colaborou para o avanço de nosso trabalho. Através de seus trabalhos, pudemos ter uma visão mais ampla acerca de como o professor deve se comportar para construir uma dinâmica de aula que contemplasse uma maior interação entre os alunos e a literatura e até mesmo em relação a si próprio com a leitura.

Nesse viés, fica evidente o quanto que os estudos pertencentes ao Método Recepcional e aos estudos que contemplam o ensino literário no ambiente escolar fortaleceram e tiveram grande participação no processo de construção de nosso projeto, afinal, se pudéssemos resumir em palavras chave tudo o que pretendemos fazer nessas três aulas, seriam essas palavras: estética da recepção e letramento literário, uma vez que, através de consistente trabalho com o texto, por meio do professor, almejamos desenvolver um bom trabalho de leitura, por parte do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de; **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1988.

FEBA, Berta L. T; RAMOS, Flavia, B. **Leitura de História em Quadrinhos na Sala de Aula**. In: FEBA, Berta L. T; JUNQUEIRA, R. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2011

REZENDE, Neide Luzia de. **O ensino de literatura e a leitura literária**. In: DALVI, M. A; JOVER-FALEIROS, R; REZENDE, N. L. **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo. Parábola, 2013

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. In: DALVI, M. A; JOVER-FALEIROS, R; REZENDE, N. L. **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo. Parábola, 2013

SARAIVA, J. A. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre. Artmed, 2006.

Todorov, T. **A literatura em perigo**, São Paulo: Difel, 2009.

TRAGINO, Arnon. **O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural**. In: Revista Mosaicum, n. 18, Jul/Dez, 2013.